



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E
DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO

GILBERTO MIRANDA DA SILVA JUNIOR

**Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada
em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e
familiar, no município de Porto Alegre (RS)**

Porto Alegre, 2024.

Gilberto Miranda da Silva Júnior

Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS)

Dissertação de Mestrado apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz dos Santos
Silva

Porto Alegre, 2024.

Data: 30 de outubro 2024.

CIP - Catalogação na Publicação

Junior, Gilberto Miranda da Silva

Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS) / Gilberto Miranda da Silva Junior. -- 2024.

83 f.

Orientador: André Luiz dos Santos Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Gênero. 2. Masculinidades. 3. Violência. 4. Escola. 5. Futebol. I. Silva, André Luiz dos Santos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabiano Bossle – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Luiza Aguiar dos Anjos - Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais (CEFET – MG) - Campus
Timóteo.

Profa. Dra. Helena Patini Lancellotti – Instituto Federal do Rio Grande do Sul
(IFRS) – Campus Restinga

Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva (Orientador) - Universidade Federal do
Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Esta dissertação aborda os contextos da vivência do futebol na dinâmica de masculinidades, acionadas e produzidas, por um grupo de meninos matriculados em uma escola situada em uma região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS). As categorias teóricas que fundamentam as análises são gênero (Scott, 1995; Meyer, 2004) masculinidades (Camargo, 2014; Devide e De Brito, 2021) e violência, (Silva, Meyer e Riegel, 2021). A metodologia está organizada em dois eixos, a quantitativa e a qualitativa. Eixo Quantitativo: parte da coleta dos endereços de crimes (Feminicídio tentados e consumados, Estupro, Estupro de Vulneráveis, Lesão Corporal), coletados na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), no município de Porto Alegre. A partir disso foram produzidos, por meio do software ArcGis, os Mapas Kernel, identificando as regiões com maior índice de violência contra mulheres, bem como as escolas localizadas nessas imediações. Eixo Qualitativo: serviu de ferramenta de produção dos dados, mediante observação participante com registro em diário de campo e a realização de grupo focal. As análises dos dados se desenvolveram por meio dos pressupostos de Yin (2016), estruturados em cinco fases analíticas; compilação, decomposição; recomposição e interpretação dos dados e conclusão dos procedimentos analíticos. A partir do material empírico, foi possível identificar duas categorias analíticas: A primeira intitulada “As mulheres que são dignas de serem defendidas: sentidos produzidos por alunos praticantes de futsal no contraturno escolar sobre a violência de gênero”; e a segunda intitulada “A humilhação por meio da performance: dinâmicas conflitivas e relações de gênero entre garotos do futebol do contraturno escolar”. O primeiro aborda as mulheres que merecem serem defendidas, pois, enquanto sujeitos que se reconhecem como homens, aqueles garotos exercem seus privilégios de julgamento das condutas femininas. Desse modo, o bom comportamento das mulheres implicaria o merecimento de cuidado e proteção, assim como a inadvertência dos modos de ser e se portar poderia colocá-las à mercê de abusos e/ou violências. Já o segundo eixo aborda a performance como elemento construtivo de reafirmação das masculinidades em um contexto em que atitudes violentas entre os rapazes é tido como elemento distintivo das masculinidades no futebol, a competência em “meter uma caneta” ou “um chapéu” no adversário se constitui em algo ainda eminente, mesmo que, em resposta, o autor da jogada humilhante se coloque como passível de sofrer no corpo as consequências da afronta que causou. Ao analisarmos os dados obtidos, podemos compreender que a honra desses meninos é um elemento central, que de maneira alguma pode ser tensionada, devendo ser preservada, mesmo que dependa de elementos escusos para sua manutenção. Essa preservação se alimenta de questões pejorativas para essa construção, quando essa situação é tensionada em relação a outros meninos dentro da prática esportiva, há um movimento partindo para a humilhação por meio da performance ou até mesmo para violência. Essa violência também é trabalhada nos momentos em que as mulheres, que lhes cercam, não reproduzem os elementos da honradez cultuados por esses meninos, proporcionando o desenvolvimento de atos violentos.

Palavras-chave: Futebol; Escola; Gênero; Masculinidades; Violência.

ABSTRACT

This dissertation addresses the contexts of football experience in dynamics of masculinities, triggered and produced, by a group of boys enrolled in an elementary school located in a region with a high incidence of reported domestic and family violence crimes, in Porto Alegre (RS). The theoretical categories that support the analyses are gender (Scott, 1995; Meyer, 2004), masculinities (Camargo, 2014; Devide and De Brito, 2021) and violence (Silva, Meyer and Riegel, 2021). The methodology is organized into two parts, quantitative and qualitative. Quantitative Axis: part of the collection of crime addresses (attempted and completed femicide, rape, rape of vulnerable people, bodily harm), collected at the Specialized Police Station for Women (DEAM), in the city of Porto Alegre. Then, Kernel Maps were produced using ArcGis software, identifying the regions with the highest rates of violence against women, as well as the schools located in these vicinity. Qualitative Axis: this served as a data production tool, through participant observation with recording in a field diary and the implementation of a focus group. Data analysis was developed using Yin's (2016) assumptions, structured in five analytical phases: compilation, decomposition; recomposition and interpretation of data; and conclusion of the analytical procedures. Based on the empirical material, it was possible to identify two analytical categories: the first entitled “Women who are worthy of being defended: meanings produced by after-school futsal players about gender violence”; and the second entitled “Humiliation through performance: conflicting dynamics and gender relations among after-school soccer players”. The first one addresses women who deserve to be defended, because, as subjects who recognize themselves as men, these boys exercise their privileges of judging female conduct. Thus, good behavior by women would imply that they deserve care and protection, just as inadvertently behaving and behaving could put them at the mercy of abuse and/or violence. The second axis addresses performance as a constructive element of reaffirmation of masculinity in a

context in which violent attitudes among boys are considered a distinctive element of masculinity in football, and the ability to “hit a ball” or “a hat” on an opponent is still something eminent, even if, in response, the author of the humiliating play places himself as liable to suffer the consequences of the affront he caused. By analyzing the data obtained, we can understand that the honor of these boys is a central element, which cannot be strained in any way, and must be preserved, even if it depends on shady elements to maintain it. This preservation is fueled by pejorative issues for this construction, when this situation is tense in relation to other boys within the practice of sports, there is a movement towards humiliation through performance or even violence. This violence is also worked on in moments when the women, who surround them, do not reproduce the elements of honesty worshiped by these boys, leading to the development of violent acts.

Keywords: Football; School; Gender; Masculinities; Violence.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador o professor Doutor André Luiz dos Santos Silva, que me orientou e auxiliou por diversas vezes, proporcionando-me esta oportunidade de desenvolver a pesquisa. Foram inúmeros ensinamentos, conversas, diálogos que me trouxeram até este momento.

Gostaria de agradecer à minha família, principalmente aos meus pais Gilberto Miranda da Silva e Maria Salete Anibaletto, por todo apoio, incentivo, auxílio e paciência até nos meus piores momentos; sem vocês eu não teria conseguido, muito obrigado...

Gostaria também de agradecer a todos os meus amigos, pelas palavras de incentivo, de apoio e pelas broncas para seguir em frente. Aqui gostaria de fazer uma ressalva em especial à minha amiga Sabrina Capulo, a minha grande incentivadora neste processo, auxiliou-me em diversos momentos, principalmente nos momentos mais tensos, em que me mostrou caminhos diferentes, que me fizeram estar aqui; de coração muito obrigado.

Também gostaria de agradecer ao Grupo de pesquisa o Gergev (Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero, Educação e Violência), que me apoiou e me ancorou nos piores momentos, principalmente aos meus colegas Dienifer e Deivide, que se fizeram presentes em todos os momentos. Agradeço a todos aqueles que realmente acreditaram em mim e que torceram por mim, saibam que terão um grande amigo e um colega dedicado a auxiliar.

Enfim, o processo foi árduo, tortuoso, difícil, porém mesmo que, durante o percurso, eu tenha duvidado da minha capacidade, com muito trabalho e dedicação, finalizei esta etapa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa 1 – Mapa de incidência de denúncia de violência vivida por mulheres de Porto Alegre.....	29
Figura 2 - Mapa 2: Mapa de localização das escolas.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 GÊNERO	14
2.2 MASCULINIDADES	17
2.3 MASCULINIDADES NA ESCOLA	21
2.4 MASCULINIDADES NO FUTEBOL	24
2.5 O BAIRRO BOM JESUS	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	28
3.2 MAPAS DE KERNEL	29
3.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	32
3.4 GRUPO FOCAL	33
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	34
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	36
4 ANÁLISE	37
4.1 As mulheres que são dignas de serem defendidas: sentidos produzidos por alunos praticantes de futsal no contraturno escolar sobre a violência de gênero.	37
4.1.1 RESUMO	37
4.1.2 INTRODUÇÃO	38
4.1.3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	40
4.1.4 METODOLOGIA	40
4.1.5 ANÁLISE	42
4.1.6 “Em mulher não se bate!”: entre a covardia e a coragem masculina, a certeza da fragilidade feminina.	43
4.1.7 Abandonadas à própria sorte ou punidas pelas prerrogativas masculinas	48
4.1.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
4.1.9 REFERÊNCIAS	52
4.2 A humilhação por meio da performance: dinâmicas conflitivas e relações de gênero entre garotos do futebol do contraturno escolar.....	54
4.2.1 RESUMO	54
4.2.2 INTRODUÇÃO	55
4.2.3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	57
4.2.4 METODOLOGIA	58

4.2.5 O contexto geral das partidas de futsal: Entre xingamentos e brigas, a fruição do jogo.....	59
4.2.6 A humilhação por meio da performance e as brigas como mecanismo de manutenção de honra manchada pela humilhação pública	62
4.2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
4.2.8 REFERÊNCIAS	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
6. REFERÊNCIAS	71
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	78
ANEXO B – TERMO DE ANUÊNCIA (TA).....	80
ANEXO C – Termo de Autorização Institucional (TAI)	82

1. INTRODUÇÃO

A nossa dissertação está vinculada ao projeto de pesquisa Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer: um estudo nas regiões de alto índice de denúncia de violência doméstica e familiar do município de Porto Alegre, financiado pelo CNPq, por meio do Edital CNPq/MCTI/FNCT Nº 40/2022 desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Esta proposta de investigação emerge das pistas deixadas por Silva, Kunzler e Pacheco (2022), no artigo intitulado “Homofobia e Masculinidades na Escola: um estudo em uma região de alto índice de denúncias de crimes de “violência doméstica e familiar contra a mulher”, cujo texto trata da violência sofrida por mulheres e, por extensão, da violência homofóbica, evidenciada como traço das relações de gênero percebidas naquela comunidade enquanto as análises aconteciam.

Ademais, os autores pressupõem que as masculinidades desejáveis são constituídas na relação com o outro, com o diferente, com as mulheres e os homossexuais, entre outras identidades de gênero e sexualidade que se desviam do centro. O estudo, realizado numa escola periférica, denota uma reificação de padrões heteronormativos, percebidos por meio de grupo focal e pesquisa semiestruturada com estudantes do ensino fundamental. Enfatizamos, conforme os autores, a manutenção de discursos homofóbicos e a violência, tanto como forma de assegurar a sexualidade bem como manter a honra frente aos colegas.

A investigação de Silva, Kunzler e Pacheco (2022) proporciona uma reflexão sobre as questões de violência vinculadas ao enfrentamento da honra masculina, possibilitando compreender um pouco sobre como se desenrolam essas questões em ambientes tomados pela violência contra as mulheres e outros grupos sociais.

Percebemos durante esta investigação como essas pessoas se sentiam em relação ao confronto da sua honra, no caso da sua masculinidade quando colocada à prova, e como se portavam quando a masculinidade dos outros fora colocada em xeque e as suas percepções referentes à situação. Em vários momentos, percebemos que essas situações deixavam os pesquisados em situações de constrangimento quando atingidos e o quanto era preciso problematizar essa discussão devido às pistas deixadas por esses comportamentos praticados nesse ambiente (Silva, Kunzler E Pacheco 2022).

Dessa forma, apresentamos, como premissa, que a violência de gênero é uma ação significativa nos contextos sociais e atribuem sentido para as relações entre os sujeitos. Desse modo, visam arguir acerca da violência, pois, para alguns meninos daquele distrito, a violência é um mecanismo que constitui e reconstitui a honra, mantém padrões, bem como castiga aqueles que infringem relações de gênero naturais e institucionalizadas.

Desde a infância, a sociedade determina o que se espera dos meninos, sabemos que o clássico “homem não chora” é um exemplo do quanto os homens são incentivados a não demonstrar as suas emoções e sentimentos. Ademais, existem tantas expressões que homens ouvem durante a vida, como por exemplo, “aja como um homem”, “parece mulherzinha”, “filho meu tem que ser pegador”, entre outras (De Paula & da Rocha, 2019).

O futebol, considerado o mais heterocentrado dos esportes, constitui-se um espaço de valorização do ser macho e de exclusão de qualquer outro grupo que não se enquadre nesses padrões estabelecidos (CAMARGO, 2014). Essas concepções delineadas demonstram o quanto a masculinidade está presente em nossa sociedade, desenvolvem-se nas práticas esportivas, principalmente, no futebol.

Segundo dados de Cerqueira et al. (2022), em dia de eventos esportivos na cidade, o número de ameaças às mulheres aumenta em torno de 23,7%, e o número de lesão corporal dolosa, em torno de 20,8%; na maioria dos casos, essas violências eram praticadas pelos companheiros das vítimas ou por ex-companheiros. Essas agressões, praticadas em dias de jogos de futebol, demonstram o quanto é enraizada a cultura da violência desenvolvida em razão das masculinidades colocadas em ação nessas relações afetivas.

Não raras vezes, a violência contra as mulheres emerge na cultura do futebol protagonizada por ídolos do esporte. Aqui podemos citar diversos casos, como o do Cuca, atualmente treinador de futebol, que em 1989, juntamente com jogadores do Grêmio (time, os quais defendiam na época), praticaram estupro coletivo contra uma menina de aproximadamente quatorze anos.

Em 2010, Bruno, então goleiro do Flamengo, esteve envolvido no assassinato e esquartejamento de sua ex-esposa. Também há os casos de estupros cometidos pelo ex-jogador Robinho, em 2013, e pelo Lateral-Direito Daniel Alves, em 2022.

A diferença que percebemos dos casos mais antigos em relação aos mais recentes é o comportamento diferente que está a ocorrer por parte da mídia, pois,

antigamente essa questão de subjugar a mulher por meio da violência sexual era considerada por alguns, ato de virilidade, hoje, é totalmente repudiado, ocasionando uma onda muito forte de oposição a esses agressores.

Essas compreensões apresentadas indicam o quanto é importante a discussão em relação a essas questões e, por essa razão, problematizar a masculinidade é imprescindível para construir instrumentos que propiciem transformações, tornando assim mais inclusiva e igualitária a sociedade (DEVIDE E DE BRITO, 2021).

Apesar dos indícios, são poucas as pesquisas que articulam violência doméstica familiar e futebol no Brasil. Buscamos trabalhos em repositórios digitais, como Oasis, Scielo e Google Acadêmico, com a finalidade de encontrar estudos que colaborem com esta pesquisa. Houve uma busca em relação aos seguintes termos-chave: “violência contra mulheres”, “masculinidades” e “futebol”. O resultado dessa busca foi uma literatura escassa em relação aos termos mencionados. Não foram encontrados quaisquer textos que articulassem ao mesmo tempo os três descritores citados acima. Foram encontradas em torno de 15 (quinze) literaturas que separadamente abordam dois dos três utilizados na busca.

Considerando a escassez de bibliografias que tematizem a um só tempo futebol, masculinidades e violência contra as mulheres, a nossa dissertação toma como questão de pesquisa: “Como as dinâmicas de masculinidades, nos contextos da vivência do futebol, são acionadas por um grupo de meninos em uma escola situada, em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS)”?

O nosso objetivo geral é: abordar nos contextos da vivência do futebol dinâmicas de masculinidades, acionadas e produzidas por um grupo de meninos matriculados em uma escola situada em uma região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS).

Os objetivos específicos são: analisar os sentidos produzidos por um grupo de rapazes sobre suas relações com as mulheres, notadamente, aquelas de vínculo próximo; analisar dinâmicas conflitivas empreendidas por um grupo de garotos que jogam futsal no contraturno escolar em uma escola localizada em uma região de alto índice de violência vivida por mulheres.

A nossa dissertação está centrada em alguns eixos: primeiramente, trataremos das questões de gênero, em que discutiremos as implicações dos

estudos de gênero na nossa sociedade. Em seguida, abordaremos os estudos de masculinidades e os seus desdobramentos na sociedade, mediante as masculinidades no contexto escolar e, posteriormente, no âmbito do futebol.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 GÊNERO

No decorrer da nossa História, as vertentes sociais atravessam inúmeras mudanças na Escola, entre elas, enfatizamos a questão de gênero (Scott, 1995).

Consoante a Butler (2014), a palavra gênero apareceu nos anos 1970, em razão das ideias acerca do feminino e do masculino, atravessando as relações sociais de poder. Gênero se aproxima de outras concepções constituídas, tais como a sexualidade e o sexo.

Da sexualidade, para além dos seus traços biológicos e preventivos, há de ser compreendida como um conjunto de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas (WEEKS, 1999). Nesse sentido, as concepções e comportamentos sexuais não advêm de uma evolução natural, têm sido constituídos nas relações de poder (Foucault, 1993).

Visamos contribuir para a desconstrução da ideia de uma substância ou natureza, a qual explique e justifique as desigualdades de gênero, assim como as estabelecidas dentre os vários grupos sociais em virtude das identidades sexuais consideradas fora dos padrões dados hegemônicos (Butler, 2003).

Meyer (2004, p.15), ao argumentar que gênero é um importante constructo sociocultural e linguístico, dista da linha biológica, normalmente, trata desses aspectos no referido gênero, visto que as constituições culturais estabelecidas alicerçam a construção do indivíduo, sobretudo em relação ao gênero. Essas definem como cada sujeito se porta e de que maneira estará inserido na sociedade; por meio da sua interação com o ambiente, constituirá a sua personalidade, as suas vontades e as suas relações com outros que ali estão (Meyer, 2004, p.15).

Todavia, Butler (2014) aborda a dicotomia do masculino e feminino, tidos como condicionantes da arquitetura social, em que as distinções de gênero e as semelhanças pautam-se em diversos fatores, sendo eles: a concepção de corpo, de natureza, da divisão sexual do trabalho, constituição de família, de características

implicadas à identidade social dos indivíduos no que se refere ao ser homem ou mulher, entre outras configurações sociais.

Os estudos sobre gênero emergem para desnaturalizar o papel e as identidades dados ao homem e à mulher. Disso, compreendemos que os temas implicados à oposição masculino/feminino perpassam para além da dimensão biológica dos seres humanos, trabalhando no âmbito da cultura e, sendo assim, podendo ser transformados (Butler, 2014).

Desse modo, sexualidade é um conceito que frequentemente se imbrica a gênero e, urge reconhecer que são correlatos, sendo que cada um deles tem suas especificidades e inscreve os sujeitos em contextos diversos (Louro, 2003).

Enquanto gênero delinea os modos pelos quais sociedades e culturas geram homens e mulheres e estruturam/dividem o mundo em torno de noções de masculinidade e feminilidade, a sexualidade implica as maneiras pelas quais os diferentes sujeitos, homens e mulheres, vivem seus desejos e prazeres corporais, em sentido amplo (Louro, 2003).

Com isso, o que pretendemos dizer é que os nossos desejos corporais e os focos de nossos desejos são produzidos e legitimados pela cultura e não são consequências naturais da “posse” de um determinado aparelho genital ou do funcionamento de determinados hormônios (Louro, 2003).

Homens e mulheres vivem de muitas formas e com diferentes tipos de parceiros os seus desejos e prazeres corporais: com parceiros de sexos diferentes, com parceiros do mesmo sexo, com parceiros de ambos os sexos (Louro, 2003). Sexo é uma designação empregada, aqui, para tratar das diferenças anatômicas e fenotípicas, inscritas no e sobre o corpo, que cada cultura institui para marcar e diferenciar fisicamente mulheres de homens (Louro, 2003).

Essa pretensa naturalidade, por parte da sociedade, referente ao papel de homens e de mulheres no decorrer do tempo, faz que haja uma definição dos seus espaços, regulado, sobretudo na divisão sexual do trabalho e na maneira de vivenciar a própria sexualidade humana, gerando normas, padrões que foram sendo instituídos socialmente (Laqueur, 2001). Por essa razão, irromper demanda reflexões, mudanças de comportamento, políticas sociais, transpor o campo simbólico de manutenção dos grupos e ser inerente a essa cultura sexual existente (Laqueur, 2001).

Compreendermos homens e mulheres como construção social, gerados numa cultura, perceber o percurso de como foram instituídas as distinções e a hierarquia entre os papéis sexuais. Ainda, entender a sua reprodução/manutenção na sociedade como um todo, evidenciando as 'identidades de gênero' (Louro, 2003).

A identidade de gênero pode ser compreendida como a autopercepção de cada pessoa em relação às categorias sociais que dizem respeito ao masculino e ao feminino, à parte de uma representação biológica que se constrói pelos fatores sociais e culturais que são predominantes na formação. É um dos elementos constituintes da identidade, mas não a definidora desta, (Louro, 2003). Seu desenvolvimento ocorre desde o nascimento, numa interação constante entre o indivíduo e os outros, não se constituindo nem se apresentando de maneira fixa (Louro, 2003).

Essa indagação tem sido discutida, em diferentes perspectivas, a qual implica os estudos que articulam educação, gênero e sexualidade. A concepção de gênero foi empregada nos Estudos Feministas, por pesquisadoras anglo-saxãs, a partir dos anos 1970 (Meyer, 2004).

Com base nos estudos de Meyer (2004), gênero pode ser definido como construção e organização social das diferenças entre os sexos, as quais se realizam em múltiplas instâncias, em diferentes práticas e instituições sociais e por intermédio de muitas linguagens.

Assim sendo, o movimento feminista tem se debatido em dificuldades de desvencilhar as discussões feitas para compreender a subordinação das mulheres aos homens e as suas desvantagens social e econômica, de um aspecto biológico que era (é) a diferença anatômica e fisiológica entre os sexos (Butler, 2014).

Enquanto se intentava entender esse processo tomando o viés biológico, era quase inviável sustentar projetos políticos de transformação dessas relações de desigualdade, pois a biologia é imutável, o que se pensava há quase meio século. Hoje, sabemos que a biologia é histórica, por essa razão, sujeita a inúmeras transformações (Butler, 2014).

Disso, a ideia de gênero apresenta o seguinte: aprendemos a ser homens e mulheres desde o nascimento até a morte e essa aprendizagem ocorre em diversas instituições sociais: família, escola, mídia, grupo de amigos, trabalho etc., para além, como nós nascemos e vivemos em tempos e lugares específicos, gênero reitera a multiplicidade de se pensar que há muitos modos de sermos mulheres e homens, ao

longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, em diferentes contextos (Meyer, 2006).

Gênero não trata mais do estudo da mulher, implica uma construção relacional e a organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando assim o determinismo biológico e econômico vigente, até então, em algumas das teorizações anteriores (Meyer, 2004). Esse conceito nos leva a investigar e compreender as constituições de feminino, articulado ao masculino, uma vez que ambos estão imbricados às mesmas relações (Meyer, 2004).

Ademais, o que é apresentado como feminino, nas sociedades ocidentais, toma o masculino como referência. As mulheres são dadas como o oposto dos homens, porém não é uma simples oposição: ela é, como todas as oposições binárias, que constituem o pensamento moderno, uma oposição hierarquizada, em que um dos termos da equação é socialmente menos valorizado que o outro. As oposições binárias são, também, relações de poder (Louro, 2001).

Sabemos que cultura e poder são imbricados, nas práticas pedagógicas no sentido amplo, ensejando construir fronteiras entre grupos e populações, para instituir posições sociais de menino e de menina, de mulher e de homem, de heterossexual e homossexual e, para possibilitar o exercício de práticas sexistas, racistas e homofóbicas (Meyer, 2004).

Nesses processos que são sempre educativos, estão as chamadas pedagogias culturais, implicadas ou derivadas de traços culturais contemporâneos, os quais têm se demonstrado como mecanismos pedagógicos potentes, ao instituir relações entre corpo, gênero e sexualidade (Meyer, 2006). Como efeito, essas diferentes pedagogias culturais podem produzir desigualdades de gênero e sexualidade evidenciando limites para os sujeitos no contexto social onde estão localizados (Meyer, 2004).

2.2 MASCULINIDADES

Masculinidades, neste texto, são entendidas como as práticas e lugares ocupados por homens nos contextos das suas experiências culturais, por essa razão, há de ser entendida como histórica. Ser homem se constitui, sobretudo, por algumas condições fundamentais para a construção de sua masculinidade: ser homem implica não ser feminino, não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações

sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (Badinter, 1993).

Essa conduta desconsidera “a profunda cumplicidade que os homens compartilham no modelo hegemônico de masculinidade e o interesse que eles podem encontrar em apoiá-lo” (Vigoya, 2018, p. 17). A masculinidade manteve a sua hegemonia pelo todo complexo de discursos e práticas reproduzidas por agentes e instituições diversas – a religião, a ciência, a família, o Estado e a escola foram empregados para a manutenção do domínio e da hegemonia masculinas. A noção de “hegemonia não significa violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significa ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245).

Compreender a masculinidade como sendo fluida e contextual, implicada à concepção das identidades de gênero, segundo Foucault (1999), açambarcam as relações de poder, conseqüentemente, levam em conta as diversas maneiras como os sujeitos percebem a masculinidade em determinado contexto, dado que conceitua o que o sujeito é, como vivencia a sua sexualidade, trata do grupo do qual faz parte.

Há dois campos que compreendem essas relações de masculinidade, um inter-relacionado às questões de poder, que imbricam as relações entre homens e mulheres, caracterizando as desigualdades de gênero entre homens e mulheres; entre os homens com os outros homens, evidenciando assim outros aspectos ancorados em traços de raça, etnia, sexualidade etc., produzindo dois elementos essenciais na masculinidade: o sexismo e a homofobia (Kimmel, 1998, p.105).

Segundo Almeida (1995, p.128), no tocante à vertente normativa, a masculinidade é dada como identidade padrão, ou seja, a masculinidade é o que devem ser os homens. A norma, para ser seguida pelo homem, há de ser perseguida e conquistada de qualquer modo, apesar de existirem diferenças entre os sujeitos masculinos, que não prescindem da norma, somente flexibiliza.

Essa normatização dista do arquétipo da masculinidade, visto que ser homem, na rotina, na interação social, nas ideologias, não se subsume às características sexuais e sim a uma gama de aspectos morais de comportamento, socialmente aceitos e reavaliados frequentemente, isto é, em processo constante de constituição. Em síntese, a masculinidade é entendido como um campo fluido e suscetível de transformações (Almeida, 1995, p.128).

Ainda conforme Almeida (1995, p.128), na semiótica, a conceituação da masculinidade advém de um sistema de símbolos diferentes, em que os lugares masculinos e femininos são divergentes, além de ser considerada não feminino. Essa ideia divide a relação homem/mulher, masculino/feminino, uma hierarquia que justapõe os papéis vivenciados socialmente por esses sujeitos.

No que se refere à dominação masculina, Bourdieu (1999) diz que essa implica uma dimensão simbólica, em que o dominador (homem) demandará do dominado (a mulher) um modo de adesão, não pautado em decisão consciente e sim numa submissão imediata e pré-reflexiva dos corpos socializados. Ademais, por esses corpos socializados e das práticas que o passado integra o presente no imaginário da sociedade, disseminando e reificando atitudes preconceituosas e tradicionais acerca da sexualidade humana.

De acordo com DaMatta (2010), os processos que instituem masculinidades legitimadas ocorrem por meio de um sistema de policiamento constante dos modos de ser e se portar dos garotos. Desde pequenos, há cuidado com os gestos, atitudes e comportamentos que são praticados pelos meninos com a finalidade de exaltarem a sua masculinidade. Ainda conforme DaMatta (2010), gestos que não estão de acordo com as expectativas de gênero são interpretados como sinais de feminilidade, indícios que disparam um conjunto de práticas de constrangimento que têm por finalidade um processo educativo condizente com a postura de um homem e das suas obrigações perante a sociedade.

Ser homem não se subsume, portanto, a marcadores biológicos, mas, sim, a um processo social e histórico (Badinter, 1993, p. 117); uma pedagogia que ensina uma gama de rituais que variam nos diferentes grupos sociais. Em meio a esse processo, estão manifestações de virilidade, prescindindo de características como o uso da força física, da reprodução, do trabalho braçal e até da violência. Essa compreensão diverge diametralmente da concepção biológica da posição do cromossomo Y, ou ainda, por ter órgão sexual masculino, entendido como requisitos para definir o 'verdadeiro homem'. Ou seja, constituir-se como homem significa corresponder a um conjunto de regras e signos os quais determinarão em cada tempo e espaço um sujeito como homem (Badinter, 1993, p. 117).

De acordo com Parker (1991), a produção das masculinidades está fortemente associada às performances sexuais masculinas. Disso, a vida adulta para os meninos inicia com a primeira relação sexual, os seja, mais precoce, mais

viril, conseqüentemente, as garotas de programa são alvos dos pais para mostrar aos filhos a “vida”. Entretanto, as meninas distam desse ritual da vida sexual precoce. Os seus desejos sexuais devem ser reprimidos e censurados, bem como o casamento juntamente à maternidade são inevitáveis, a fim de não transgredir socialmente às normas.

Viver de modo distinto das normas heterossexuais coloca esses homens como sujeitos de prazeres clandestinos e marginais. Apesar de satisfazer os desejos transgressores, percebem-se envoltos pelo sentimento de culpa e não pertencerão ao mundo dos machos. Essa descoberta é um golpe à anormalidade e à honra do homem, o que desencadearia numa discriminação dele e no anátema de ser gay (Parker, 1991).

A homossexualidade, portanto, pode ser entendida como afronta ao instituído; coloca em xeque saberes e práticas hegemônicas como a não obrigatoriedade dos relacionamentos heterossexuais, a propagação de um tipo de prazer entre iguais, sentimentos recíprocos inexistentes nos manuais de macho e nas condutas morais, recontextualizando sentidos à prática de muitos homens, à luz ocidental e pós-moderna (Parker, 1991).

Os diversos modos de compreender socialmente a sexualidade e a masculinidade mudam, por diversos fatores, ao analisarmos: região, classe social, crença religiosa, principalmente, de um contexto histórico para outro. As arquiteturas de conhecimento só ocorrem socialmente se reproduzidas por atores sociais; o sucesso de uma ou outra [arquitetura] incidirá, em último aspecto, do relativo poder dos seus reguladores (Parker, 1991).

Disso, percebemos que a história de vida e o contexto social – em outras palavras, o segundo e terceiro nível de seleção – ensinam aos meninos aquilo que é esperado de um “homem de verdade”. A masculinidade hegemônica estipula uma necessidade de afirmação reiterada entre os homens, com testes ou provas para ser validado e é um reconhecimento que só é obtido entre os homens. Independente dos marcadores sociais, uma regra aprendida pela maioria dos homens, de modo explícito ou sutil, é a de que ele não deve se assemelhar ou se comportar como uma mulher, bem como a necessidade de diminuí-las ou desconsiderá-las. A tentativa de se distanciar do que aparenta ser feminino também produz violência contra os homossexuais, pois logo na infância, ser chamado homossexual aparece como se

fosse algo ofensivo e/ ou pejorativo, antes mesmo de se entender o que é ser homossexual ou heterossexual (Takakura, 2016; Welzer-Lang, 2001).

Segundo Parker (1991), existem várias forças conservadoras opostas a essa vivência sexual, notadamente, a Igreja Católica e as demais religiões, bem como as próprias teorias científicas que, essencialmente, dizem ser doença ou desvio. Assomando a crença do senso comum, do risco à descendência, até mesmo a sobrevivência da espécie.

Ainda, Parker (1991) ressalta que o receio de a homossexualidade e a sua marginalização desencadearem no sujeito inúmeros conflitos divergentes entre si, e, como exemplo disso, evidenciamos que a homofobia, tida como aversão ao que pode ser análogo ao comportamento homo, intensifica o preconceito de gênero. Assim o enaltecimento da virilidade, destacada, sobretudo no uso da força, dada como a melhor escolha de dirimir qualquer indício homofóbico.

Nessa perspectiva, dos diversos fatores negativos, o fato de ela inferiorizar os tipos de masculinidade já taxados como íferos, a homossexualidade e a bissexualidade desencadeiam o aspecto de simetria nas relações entre homens e mulheres, em que o cerne é a apropriação do poder dado ao masculino e uma gama de qualidades do ideal, balizado pela sociedade, elevando-o a um cenário entre as demais vivências da sexualidade (Almeida, 1995, p.128).

Esse cenário de supervalorização das masculinidades gera problemas, pois esses movimentos incentivam a reprodução desses comportamentos errados, normatizando-os perante a sociedade, tornando aceitáveis essas práticas com os membros da sociedade (Almeida, 1995, p.128).

Portanto, tanto na escola quanto na esfera político-social, problematizar a vivência afetiva e sexual democrática de fato, que propicie a todos livre expressão e direitos, torna-se imprescindível para se consolidar e viver plenamente as orientações e as opções existenciais, sexuais e afetivas (Parker, 1991).

2.3 MASCULINIDADES NA ESCOLA

As masculinidades, de acordo com Kimmel (1998, p.111), devem ser constantemente demonstradas e comprovadas, pois há sempre um questionamento constante sobre elas. Esse processo constante de validação se dá pelo fato de que não se pode falhar em relação aos princípios de masculinidade, buscando atingir um padrão em que não haja questionamentos referentes à masculinidade.

Esses padrões são reproduzidos no ambiente escolar, com a finalidade de se sobressair perante os outros que ali estão, visto que o ambiente escolar é de alta pressão para esses jovens indivíduos, pois sempre há conflitos em que estão envolvidos e, nesse contexto, lhes é exigida uma maneira de lidar com todas as situações, pois elas quase sempre se tornam intrínsecas ao seu desenvolvimento, sobretudo no seu íntimo (Santos, 2020).

As masculinidades desenvolvidas no ambiente escolar estão atreladas às situações sociais. Aqui podemos elencar algumas ocorrências que dialogam com essa perspectiva e mostrar como a masculinidade está imbricada às questões sociais e de colocação social, de relacionamentos e nas atividades corporais desenvolvidas na escola (Santos, 2020).

A questão social relacionada às masculinidades está ligada ao modo como o jovem do sexo masculino se coloca naquele contexto, e de como ele é visto por seus pares; esses momentos têm de direcionar esses jovens nos seus desenvolvimentos, pois é um momento de constituição das suas identidades. Todas as suas ações estão atreladas ao âmbito social e às implicações de suas decisões, tomando como normal a expressão dessas masculinidades, para que haja um reconhecimento do grupo no qual ele está inserido, mesmo que esse reconhecimento se estabeleça por intermédio de práticas violentas, para reafirmar a sua posição de poder (Couto, 2010).

Essa ênfase dada a esses jovens reflete-se também nos vínculos amorosos, visto que essas masculinidades colocadas em evidência os colocam em destaque para que escolham com quem querem se relacionar, pois essas demonstrações de força e virilidade fazem que eles se sobressaiam perante os outros jovens, pela posição de poder conquistada por eles, o que os coloca como símbolos de masculinidade a serem seguidos naquele ambiente (Couto, 2010).

A constituição das masculinidades ocorre pelo processo de aprendizagem que se materializa nas diversas instituições sociais que reproduzem o “trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a se distinguir, masculinizando-se ou feminilizando-se” (Bourdieu, 2014, p. 119).

Consoante Saavedra (2004), as pedagogias da masculinidade ocorrem “dos discursos associados às disciplinas, ao esporte, às brincadeiras, ao conhecimento, à avaliação e à relação com os professores e outros alunos” (Saavedra, 2004, p. 110).

Também pontua que esse não é um processo que se dá de forma incontestada, uma vez que “a escola não produz masculinidades de uma forma direta e abertamente determinística [...], é um processo de negociação, rejeição, aceitação e ambivalência” (Saavedra, 2004, p. 110).

O processo de obtenção da posição de poder desses jovens se dá, em grande parte, no ambiente das práticas esportivas, pois ali é um momento em que eles começam a se destacar perante os colegas, evidenciam as suas principais características, demonstrando, assim, que podem ser os “melhores” naquele cenário: um espaço de disputa e reafirmação do seu poder e da sua força, usando dessa para demarcarem os seus espaços e praticarem atos de violência contra outros rapazes e moças que não compartilham desse sentimento (Couto, 2008).

As masculinidades são bastante exaltadas no ambiente das práticas corporais, no caso: as aulas de Educação Física são um ambiente que beneficia o desenvolvimento dessas masculinidades, são um espaço em que esses meninos se colocam em posição de confronto uns com os outros, e com a finalidade de reforçar as suas masculinidades (Connell, 2016).

O esporte é uma prática social em que há uma segregação de gênero e é dominada pelos homens heterossexuais, em que se desenvolvem os confrontos; os vitoriosos se beneficiam desse prestígio estabelecido e reforçam uma camaradagem masculina, criando, assim, uma identidade para aquele grupo (Connell, 2016).

O reforço desses comportamentos de demonstração de força e de irmandade desse grupo gera um movimento de segregação e de exclusão daqueles que não se adaptam aos conceitos exigidos (Couto, 2008). O movimento de segregação desses jovens resulta no desenvolvimento de benefícios para esses grupos e prejudica outros, como as mulheres, os negros e os jovens homossexuais, gerando situações de discriminação e violência (Brito e Santos, 2013, p. 238).

As práticas corporais possuem um papel fundamental no desenvolvimento, com um papel de destaque para o futebol, pois é o esporte mais praticado na Educação Física escolar (Cavaleiro e Viana, 2010, p. 140). O futebol, por ser o esporte mais popular do país, é praticado, mormente por homens, e é, por si, um espaço masculino e de desenvolvimento de masculinidades, em que são incentivados comportamentos brutos e agressivos com a finalidade da conquista de espaço e de respeito por esses jovens (Cavaleiro e Viana, 2010, p. 140).

Já Connell (2001) enfatiza para a análise das relações e estruturas presentes na escola e que ainda contribuem para a produção de masculinidades, sendo elas relações de poder, divisão do trabalho, padrões de emoção e simbolização. Esses comportamentos brutos, violentos, de autoafirmação, por parte desses meninos, propiciam um movimento de exclusão de diversos grupos, como as mulheres, os homossexuais, tornando aquele ambiente hostil, não possibilitando a sua inclusão (Brito e Santos, 2013, p. 238). Essa exclusão é percebida na escola, na Educação Física Escolar, oriunda da sociedade, sobretudo dos estádios de futebol. Esse é um movimento de reafirmação dessas masculinidades, tanto por parte dos profissionais quanto da torcida, a qual não aceita comportamentos que não sejam voltados para própria exaltação e para provação das masculinidades dos adversários (Mendonça e Mendonça, 2021).

2.4 MASCULINIDADES NO FUTEBOL

A masculinidade está enraizada no futebol, ainda, um ambiente predominantemente masculino devido a muitas décadas de intolerância, negligência e preconceito. Podemos perceber essa constante mencionada no estudo de Mendonça e Mendonça (2021), em que as torcidas organizadas têm grandes influências nessa questão cultural perpetuada, pois mantêm padrões, forçando comportamentos machistas, principalmente, em ambientes esportivos e que proporcionam a visualização desses eventos esportivos.

Cavaleiro e Viana (2010, p. 140) sinalizam que a masculinidade é muito presente no esporte, não sendo uma exclusividade do futebol, em que evidenciam situações de desconforto geradas por esses comportamentos, notadamente, em modalidades como as lutas, pois são as que instigam as questões de virilidade, acentuando, assim, as situações das masculinidades tóxicas presentes.

Segundo Mendonça e Mendonça (2021), a questão da masculinidade ligada ao futebol tem como traço dominante o hegemônico, “normatizando” comportamentos inapropriados, desencadeando situações que, muitas vezes, proporcionam conflitos, geram violência a diversos grupos: traços étnico-raciais, sobretudo de orientação sexual, utilizando-se nesse contexto, para debochar e caçoar, com a finalidade de provocar os rivais, colocando em “xeque” as masculinidades dos rivais.

Nos estádios de futebol, as participações em gritos coletivos ou individuais obedecem aos indicativos do grupo, do local que se frequenta, onde “ritos orais (...) põem em ação somente sentimentos e ideias coletivas e têm até a vantagem de nos deixar entrever o grupo, a coletividade em ação ou mesmo a interação” (Mauss, 2012, p. 149).

Percebemos que os torcedores, ao gritarem, estariam ligados a uma espécie de doutrina, como entendida por Michel Foucault, ou seja, algo que “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; [...] ela se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros” (Foucault, 1996, p. 43).

Essa doutrina ligaria os torcedores entre si, pois nessas práticas “aparentemente, a única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e a aceitação de certa regra – mais ou menos flexível – de conformidade com os discursos validados” (Foucault, 1996, p. 42).

Esses eixos das torcidas provocam as adversárias e, principalmente, as organizadas dos rivais, num primeiro momento, colocando em dúvida a masculinidade do adversário, como se aproveitam de situações; e, fora do campo, envolvem jogadores ou torcedores para que afirmem que é comportamento recorrente da torcida e da instituição como um todo (Mendonça e Mendonça, 2021).

Segundo Bandeira (2017, p. 181), ocorre certa flexibilização dos atos de violência nos ambientes esportivos, pois o futebol não opera sobre as mesmas regras da vida cotidiana, tem um código diferente, permite que haja situações de violência, preconceito, sendo as mesmas normatizadas nesses ambientes, essas mesmas ocorrências sendo praticadas dentro da sociedade não seriam aceitas e seriam punidas pelos órgãos de fiscalização competentes.

Bandeira (2017, p. 181) pontua que essa normatização cria situações do que é considerado normal à violência; esse espaço propicia uma lacuna que normatiza esses eventos, provocando-as e culminam em ocorrências violentas. Essas normatizações apontadas tornam aceitáveis xingamentos, como “filho da puta”, “viado”, “bambi”, “morango”, “gazela”, entre tantos outros em termos de cunho pejorativo relacionado às questões de gênero e as masculinidades são colocadas em dúvida (Bandeira, 2017, p. 181).

Mas essas ações consideradas como “politicamente corretas” distam de coibir os torcedores dos times; assim como, a prática de crimes, que há muito normatizada no ambiente do futebol, sendo até incentivada, em certos momentos históricos pelos próprios clubes. Esse posicionamento se tornou recorrente, diminuindo a prática dessas situações nas praças esportivas, relacionadas ao futebol (Bandeira, 2017, p. 135).

Da Silva Soares e Almeida (2012) pontuam que o comportamento homossexual no ambiente do futebol não é considerado normal, ferindo, assim, a masculinidade dos vulgos torcedores “normais”, pois macula a manutenção do equilíbrio e da lógica dominante, desse modo, ameaçando a manutenção da dominação masculina existente nos estádios de futebol.

Ainda, Da Silva Soares e Almeida (2012) observam que esses grupos considerados “indesejáveis” sofrem diversos tipos de violência no estádio, são hostilizados, desde as formas mais sutis, como vaias, xingamentos, palavras de ordem e gritos de guerra, desenvolvem-se para maneiras mais violentas, como agressões físicas, podendo desencadear óbitos.

Essas situações de homofobia praticadas nos estádios impossibilitam a criação de espaços com identidades plurais, de respeito às pessoas e criação de grupos hostis, os quais perseguem esses indivíduos; essas circunstâncias provocam animosidades e geram disputa de poder nesse ambiente, como pontuam Almeida e Da Silva Soares (2012, p. 303): “A homofobia é compreendida como um instrumental de dominação, por meio do qual sujeitos e grupos sociais disputam espaços de legitimidade e de reconhecimento e, portanto, de poder.”

A disputa de poder, pautada em valores de masculinidades e expressões, gera uma rusga entre torcedores, que refletem situações vivenciadas em nossa sociedade, propagando situações que estão em evidência no contexto social brasileiro (Mendonça e Mendonça, 2021).

Essas expressões estão representadas, principalmente, em palavras de ordem ou canções, disseminando discursos de ódio, potencializados extremamente no ambiente do futebol, devido à paixão que é exercida pelos adeptos das agremiações, criando um ambiente tensionado e propício Medeiros (2016, p. 223) para violência, motivada e, muitas vezes tolerada, por ser feita em nome dessas paixões (Mendonça e Mendonça, 2021).

Medeiros (2016, p. 223), corrobora quando fala sobre as situações de preconceito ocorridas nos estádios são negligenciadas por diversos setores da sociedade, como por exemplo, jornalismo, que se torna omissos em não dar voz aos grupos minoritários, em casos de situações de preconceito acontecidas no ambiente dos estádios; isso se deve ao pacto informal de masculinidade existente no futebol profissional.

Nessa perspectiva, Ostrovski (2019) demonstra o quanto seria importante um posicionamento da imprensa em relação às questões de violência que ocorrem no ambiente do futebol, pois, em nosso país, há um grande engajamento de boa parte da população em relação ao futebol, essa recepção massiva que o futebol conta por parte das pessoas seria de fundamental importância para que houvesse ações que fossem direcionadas a esses grupos, podendo assim conscientizar os adeptos do futebol.

Gums (2020) assinala outra percepção: o questionamento feito aos jogadores por parte da imprensa, colocando as suas masculinidades em dúvida, devido à demonstração de emoções e de afeto que ocorrem entre os jogadores. Aqui o autor cita as demonstrações de choro ocorridas em derrotas dolorosas, como por exemplo o “7x1”, na medida em que os jogadores choraram copiosamente. Para a imprensa, eles deveriam ter uma postura mais máscula e não efeminada. Emendam-se a isso, outras situações que geram essas indagações no futebol, como os comentários e piadas maldosas feitos pelo fato de jogadores de futebol, em outras culturas, se cumprimentarem com beijo no rosto. Medeiros (2016, p. 223) demonstram um preconceito e falta de conhecimento sobre as outras culturas.

Todas as situações colocam em “xeque” a orientação sexual dos envolvidos, demonstram o nível de preconceito exercido, tanto pelas torcidas quanto pelas mídias e pela imprensa, que, ao invés de trabalhar para coibir, alimentam essas situações, fragilizando as masculinidades desses atletas envolvidos (Gums, 2020).

2.5 O BAIRRO BOM JESUS

O bairro Bom Jesus é uma localidade predominantemente residencial, possuindo poucos prédios, tendo como principal fonte econômica a prestação de serviços. A grande maioria de seus moradores em idade socioeconômica ativa trabalha em outros bairros da cidade, principalmente na região central (Borges, 2023). O bairro possui uma infraestrutura muito precária, desde saneamento básico,

que não contempla toda a comunidade, saúde e assistência social, pois possui pouco lugares para o atendimento da população do bairro (Borges, 2023).

Em relação às crianças e adolescentes, o bairro também não proporciona uma infraestrutura adequada, pois conta com poucas escolas, sendo duas estaduais e duas municipais, para atender o grande número de crianças e adolescentes residentes no bairro (Borges, 2023). Também possui uma infraestrutura mínima em relação a espaços de lazer para atender tanto jovens quanto adultos em seu momento de lazer, com equipamentos precários, que não atraem a presença dos moradores (Borges, 2023).

Esses jovens normalmente ingressam nesses clãs por questões de afinidades ou questões geográficas, na medida em que, embora morem no mesmo bairro, eles relatam que moram em “bocas”¹ diferentes, vivenciando situações de rivalidades ligadas ao tráfico de drogas, processo que está intrinsecamente ligado às questões de violência, e conflitualidade existentes naquela região (Da Fonseca, et al. 2010).

Esses processos de violência existentes no bairro pavimentam o desenvolvimento de outros tipos de violência, que não estão ligados diretamente à questão do tráfico de drogas, mas acabam sendo influenciados por esses elementos, principalmente quando se trata das mulheres da comunidade (Brusius, 2012).

O bairro Bom Jesus é um dos bairros com o maior índice de violência contra as mulheres na cidade de Porto Alegre, principalmente quando se trata de crimes violentos por questões passionais e de gênero (Borges, 2023).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, a qual objetiva compreender as questões de masculinidades, violência e futebol, relacionadas a jovens de regiões de altos índices de violências contra as mulheres. Visa compreender de que maneira esses atravessamentos são empregados nesses contextos sociais e de que modos são percebidos por esses grupos sociais. A pesquisa qualitativa enseja compreender de que forma se portam as questões sociais presentes no nosso

¹ Local de venda de drogas, comumente utilizado para identificar pessoas de uma região e para demarcar até onde essas pessoas podem ir.

cotidiano, possibilitando vislumbrar como as construções sociais se desenvolvem na nossa sociedade e indicar as trajetórias. Gibbs (2009, p. 8) define como obtemos informações de forma qualitativa:

Analizando experiências de indivíduos ou grupos. As experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia. Examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo. Isso pode ser baseado na observação e no registro de práticas de interação e comunicação, bem como na análise desse material. (Gibbs, 2009, p. 8).

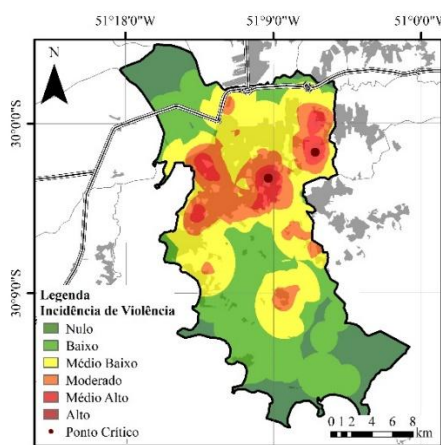
A pesquisa qualitativa tem como seu principal cerne, as representações dos fenômenos da nossa sociedade, para que possamos compreender os processos que acontecem e como eles influem na construção da nossa sociedade, desse modo, de suma importância à pesquisa, a fim de que os compreendamos e auxiliemos a construção de uma sociedade, mais justa e igualitária (Cardano, 2017, p. 15).

Portanto, a pesquisa qualitativa tem o seu papel de destaque, pois através dela, podemos ter uma compreensão mais fidedigna desses fenômenos que acontecem em nossa sociedade. (Cardano, 2017, p. 15).

3.2 MAPAS DE KERNEL

A primeira etapa do estudo utilizou dos mapas de calor (Mapas de Kernel), identificando região do bairro da zona leste de Porto Alegre, local com maior incidência de violência contras as mulheres no município de Porto Alegre/RS.

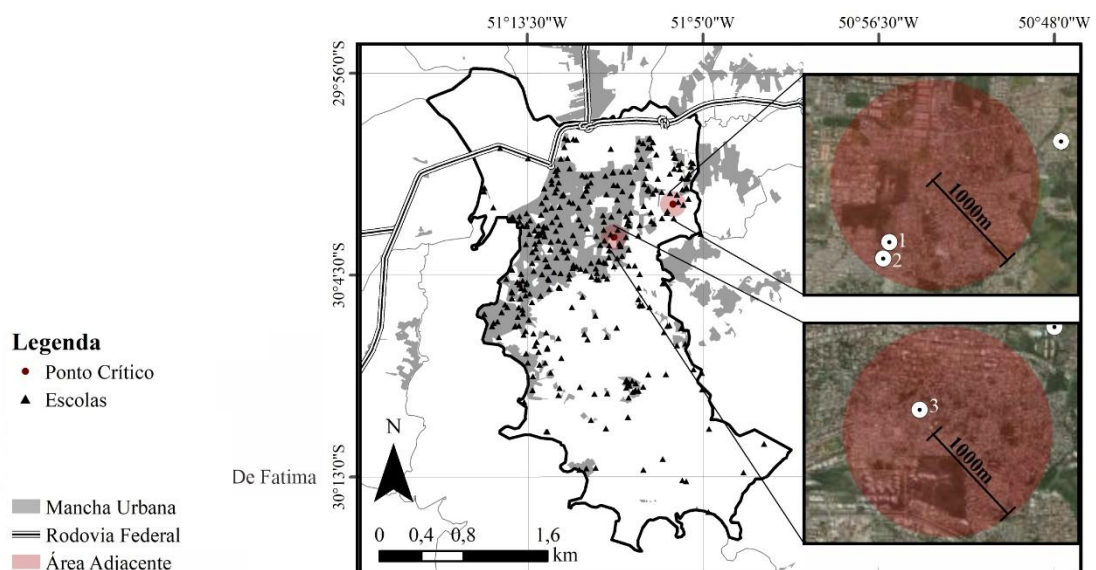
Figura 1 - Mapa 1 – Mapa de incidência de denúncia de violência vivida por mulheres de Porto Alegre.



Fonte: Produzido pelo projeto de pesquisa “Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer”².

Esse mapa mostra a mancha mais forte na região do bairro situado na zona leste de Porto Alegre, apontando assim à escola mais próxima ao local, do local com maior incidência de denúncias de crimes contras as mulheres na cidade Porto Alegre, conforme podemos identificar no mapa a seguir.

Figura 2 - Mapa 2: Mapa de localização das escolas.



Fonte: Produzido pelo projeto de pesquisa “Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer”.

Os mapas de Kernel auxiliam nas indicações das regiões a serem estudadas devido à sua precisão, pois através da alimentação de dados das ocorrências, o mapa apontará para a região mais crítica (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

Essa ferramenta (mapas de Kernel) possibilita que, mediante esses apontamentos, haja aplicação de variáveis, aumentando o refino em relação às questões a serem abordadas, produzindo informações confiáveis e que auxiliarão no desenvolvimento de pesquisa (Kawamoto, 2012. P. 17).

² Projeto financiado pelo CNPq, por meio do Edital CNPq/MCTI/FNCT Nº 40/2022. A discussão metodológica que sustenta a produção dos mapas da violência encontra-se no artigo “Gênero, Mulher, Crime e Violência” (SILVA, MEYER, RIEGEL, 2021).

Para a produção dos mapas de calor, utilizamos alguns marcadores para que nos ajudassem a identificar o local (bairro Bom Jesus), onde realizamos a pesquisa. Sendo assim, o primeiro marcador coletado foi os endereços das ocorrências de violência contra as mulheres, registrados na Delegacia para as mulheres do Município de Porto Alegre, durante o período de um ano, num recorte exato. Com esses dados, pontuamos as regiões com maior incidência de crimes contra as mulheres (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

Na seqüência, utilizamos marcadores de violência para tipificar cada tipo de ocorrência registrada referente a crimes sofridos pelas mulheres, objetivando compreender se esses crimes têm origem relacionada às violências de gênero ou à temática passional (Silva, Meyer e Riegel, 2021). Para tanto, utilizamos os seguintes marcadores de violência contra a mulher: lesão corporal, estupro, estupro de vulnerável, feminicídio, tentativa de feminicídio, crimes contra a pessoa e contra a liberdade sexual (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

Esses indicadores possibilitaram o apontamento do local com maior incidência desses crimes, o que delineou a escolha da escola para a realização da pesquisa e possibilitou a realização das observações participantes e do diário de campo e do grupo focal junto aos adolescentes em relação à temática da pesquisa (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

Os procedimentos metodológicos do eixo quantitativo desse projeto de pesquisa estão apoiados nos pressupostos do projeto de pesquisa do CNPq/MCTI/FNCT Nº 40/2022, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e também desenvolvido por (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

Podemos exemplificar os Mapas de Kernel, mediante pesquisa realizada em Novo Hamburgo/RS, apontando o bairro com maior incidência de crimes contra as mulheres negras e pardas no município, como relatado por (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

Historicamente, o município em questão contabiliza, por mês, uma média de aproximadamente 200 ocorrências de crime contra mulheres, das quais foram registrados os endereços referentes a três tipos: 1) estupro e estupro de vulneráveis; 2) lesão corporal; 3) feminicídio e tentativa de feminicídio – crimes contra a pessoa e contra a liberdade sexual que têm no corpo o suporte para a ocorrência do fato jurídico. Referentes aos anos de 2017, 2018 e 2019, os endereços foram agrupados por tipo de crime e, individualmente, geraram demarcações pontuais no software “Google Earth”, as quais foram importadas no software “ArcGIS” e transformadas em

três arquivos vetores empregando o Datum WGS 84 e projeção UTM. Para analisar os dados, optou-se pela criação de mapas de superfície Kernel, os quais têm a finalidade de estimar a densidade de um evento numa determinada área de estudo (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

3.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A estrutura da intervenção para com esses meninos foi um processo de entendimento das dinâmicas apresentadas no campo. Partindo disso, percebemos que a melhor estratégia de intervenção seria a observação participante com a realização de diário de campo, possibilitando os registros das interações ocorridas durante as atividades desenvolvidas no grupo de futsal. Essa opção consiste na interação entre o pesquisador e os participantes, possibilitando uma coleta de dados mais fidedigna, devido ao melhor entendimento do contexto, nas suas mais variadas nuances, sendo assim, permitindo-nos arquitetar uma discussão com tópicos específicos e diretivos acerca do tema (Iervolino e Pelicione, 2001).

A observação participante como opção metodológica visa proceder como um mecanismo que ao mesmo tempo interage com a pesquisa, mas que não é intrusiva ao ponto de alterar a percepção dos sujeitos da pesquisa em relação ao investigador, tornando a pesquisa mais natural e adaptativa ao ambiente (Mónico, 2017).

Para realizarmos esta pesquisa, corroboramos o entendimento de Sancho Gil (1999, p. 40) de que o “[...] conhecimento há de emergir da reflexão sobre a experiência, da atuação de professores e alunos e não da investigação descontextualizada”. Assim, percebemos a prática das pesquisas atualmente, enquanto processos de produção de conhecimento e de aprendizagens entre os sujeitos (Silva, 2009).

A análise qualitativa dos fenômenos, visando à produção de conhecimento, intenta descrever, compreender e interpretar os significados, os sentidos, as representações e os discursos que os sujeitos criam e a que se submetem no contexto no qual se realizam. De acordo com Eisner (1998), os(as) autores(as) e pesquisadores(as), os quais vislumbram compreender qualitativamente os fenômenos educativos, preconizam analisar a dinâmica das relações sociais.

Objetivamos, além de analisar, interpretar e compreender a perspectiva dos estudantes a partir de nossa perspectiva; entender e mostrar que os participantes

podem e devem ser analisados, interpretados e compreendidos pela perspectiva deles mesmos. Pois a observação participante inscreve-se numa abordagem, em que o observador participa ativamente das atividades e do levantamento dos dados naquele ambiente, sendo pertinente que o investigador tenha uma habilidade em se adaptar à situação (Pawlowski, Andersen, Troelsen, & Schipperijn, 2016).

3.4 GRUPO FOCAL

Após o processo de observação participante no grupo de futsal, realizamos o grupo focal com esses meninos, com intuito de entender de que maneira eles entendiam as questões levantadas durante o processo de observação. As percepções identificadas na observação participante foram às questões de honra e proteção com as mulheres e também a honra ligadas as questões de humilhação e performance durante o jogo (Iervolino e Pelicione, 2001).

A utilização do grupo focal tem como objetivo entender como as questões de pesquisa atravessam o entendimento dos participantes. Esse movimento se dá através da sua interação entre os participantes e o pesquisador durante a realização do grupo focal, objetivando na retenção dos dados, através de tópicos específicos e diretivos (Iervolino e Pelicione, 2001).

Pois o grupo focal tem como sua principal virtude compreender a tendência humana de formar opiniões e atitudes com outros sujeitos. O grupo focal dá a possibilidade desses indivíduos em formar e articular as suas opiniões conforme o entendimento que vai adquirindo sobre o assunto durante o processo do grupo focal, pois ao escutar outras pessoas falando sobre a mesma questão vai se moldando a sua opinião e única, mas com acréscimo de situações discutidas no grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar (De Souza Silva, 2010).

Para realização do grupo focal foram elaboradas perguntas relacionadas ao estudo, em consonância com as bases teóricas apresentadas no desenvolvimento do estudo, com a finalidade instigar as repostas dos meninos, perante a temática investigada (Triviños, 1987). As perguntas abordaram questões do cotidiano dos meninos sobre as questões de violência contra as mulheres, masculinidades e suas relações com futebol.

Durante o grupo focal realizamos um total de catorze (14) perguntas que nortearam a condução da dinâmica. Foi dividido em dois blocos esse processo, sendo ele: A percepção desses meninos em relação às mulheres que lhe cercam; E o seu

entendimento em relação à honra e humilhação através da performance, no contexto do futsal no contraturno escolar, com a finalidade de entender melhor os relatos dos participantes (Moré, 2015, p. 128).

Esses relatos ocorreram através do processo de gravação dessa entrevista, pelo investigador, obedecendo às normas referentes a esse processo, utilizando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que será entregue aos participantes, para que seus responsáveis leiam e autorizem a participação desses adolescentes, e também será entregue o Termo de Anuência (TA), para que os participantes estejam cientes da sua participação, pois os mesmos são menores de idade (Moré, 2015, p. 130).

Após o processo de gravação, houve a transcrição das falas dos entrevistados com a finalidade de serem analisadas em relação ao seu conteúdo, para que possamos entender de que maneira os entrevistados compreendem a temática de violência e masculinidade (Silvestre, Fialho, Saragoça, 2014. p. 323).

A transcrição da pesquisa é um processo importante, pois é o momento em que o investigador se sensibiliza com os relatos dos entrevistados, conseguindo perceber situações, nuances, expressões que identificam situações para além do que está mencionado nas falas dos participantes, possibilitando uma compreensão diferenciada do ambiente em relação ao tema abordado (Silvestre, Fialho, Saragoça, 2014. p. 323).

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Yin (2016), o processo de análise dos dados qualitativos está estruturado em cinco fases: na primeira fase, a compilação dos dados, obtidos nas observações participantes e no grupo focal. Na segunda fase, a decomposição dos dados obtidos. Na terceira fase, recomposição desses dados. Na quarta fase, interpretá-los. Na quinta e última fase, a conclusão em relação aos dados obtidos.

A primeira fase consiste em compilar ou organizar os dados obtidos pelas transcrições das observações participantes mediante diário de campo e relatos obtidos no grupo focal, possibilitando a geração da base de dados da pesquisa, por meio de processo de organização cuidadoso e metódico, para que possa iniciar o processo de análise (Yin, 2016).

A segunda fase trata da decomposição desses dados, visando construções

mais específicas referentes ao tema pesquisado. Com isso, podemos identificar pequenos elementos, que passariam despercebidos em um processo, sem o refino das informações (Yin, 2016).

Nesse processo de decomposição, haverá a codificação dos dados com a finalidade de transpassar para um nível intelectual maior, proporcionando uma análise mais acurada desses dados (Yin, 2016, p. 166-167). Esses códigos serão classificados em níveis diferentes: no Nível 1, aqueles que se estruturam de um processo advindo de tópicos originais dos dados e se desenvolvem para um nível metodológico um pouco maior, assim, enquadrando-se nesse nível (Yin, 2016, p. 166-167). Esse processo da qualificação dos dados possibilita o prosseguimento para um nível mais elevado, o Nível 2, o qual consiste na criação das categorias de análise (Yin, 2016, p. 166-167).

A terceira fase implica um processo de recomposição, o qual envolve uma reestrututração dos dados fragmentados produzidos anteriormente. Nessa etapa, desenvolve-se um processo de formulação, que pode ser desenvolvido em diversos níveis de tabulação (Yin, 2016), podendo ser definido, conforme os estilos e as preferências do pesquisador, não havendo um processo único ou mais adequado dessa formulação e sim definido pela intenção do pesquisador (YIN, 2016).

Yin (2016) destaca que esse processo de recomposição influencia-nos a realizar escolhas arbitárias, pois essa opção a ser realizada está diretamente ligada ao nosso julgamento de pesquisador. Nesse processo, há três procedimentos que podem diminuir a intencionalidade do pesquisador: fazer comparações constantes; atentar para casos negativos; praticar pensamento rival (Yin, 2016, p. 176).

As comparações constantes compreendem fazer os questionamentos contínuos sobre as escolhas de formulação desses dados, comparando as semelhanças e diferenças, objetivando melhores dados. Temos de observar os casos negativos, atentar para todos os dados, mesmo que, em um primeiro momento, sejam relevantes e similares e, depois de análise minuciosa, apresentem-se como conflituosos. Finalmente, praticar pensamento rival: buscar alternativas diferentes das apresentadas no início da análise dos dados (Yin, 2016, p. 176). Ao ocorrer um processo satisfatório de recomposição, demonstrando que todos os pontos foram contemplados, dá-se a sequência

para a próxima fase de análise (Yin, 2016).

A quarta fase consiste na Interpretação dos dados recompostos, após sua recomposição, podemos interpretá-los, compreendê-los, atribuindo um significado aos arranjos feitos. Não existe uma padronização em relação às sistematizações e sim às interpretações que ligarão as ideias aos dados recompostos (Yin, 2016).

Yin (2016) prescreve alguns questionamentos para uma boa interpretação, quais sejam:

A) Completude: a interpretação tem começo, meio e fim?; B) Justeza: segundo sua postura interpretativa, outros com a mesma postura chegariam à mesma interpretação?; C) Precisão empírica: a interpretação representa seus dados corretamente?; D) Valor agregado: a interpretação é nova ou, sobretudo, uma repetição da literatura sobre seu tema?; E) Credibilidade: independente da sua criatividade, como os colegas mais valorosos em sua área criticam ou aceitam sua interpretação? (Yin, 2016).

Na quinta fase, chegamos à conclusão do estudo, em que apreendemos o significado mais amplo da investigação, pois exige a interpretação dos dados provenientes das fases anteriores; é o momento em que esses dados são elevados a um nível mais conceitual e refinado das ideias (Yin, 2016, p. 198).

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa está de acordo com a Resolução nº 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Dessa maneira, o estudo não apresentou riscos aos participantes, que, por sua vez, foram informados sobre os objetivos do trabalho e, posteriormente, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto intitulado — Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS).

Este projeto de pesquisa está dividido em dois eixos, o quantitativo, em que foi feita a sondagem dos dados referentes aos crimes de violência contra a mulher. No eixo quantitativo foi realizado o levantamento de dados referente às ocorrências de crimes proferidos contra as mulheres (feminicídios tentados e consumados, estupros, estupros de vulneráveis e lesões corporais); identificando os endereços dessas ocorrências, a idade e as etnias dessas mulheres.

No eixo qualitativo, desenvolvemos a observação participante num primeiro momento e ao final do período de observação realizamos um grupo focal, utilizando perguntas previamente definidas, mas sem nos fecharmos para novos temas, com a finalidade de entender sua percepção referente às questões das violências cometidas contra as mulheres e as questões de honra, humilhação e performance.

No eixo qualitativo como foi uma pesquisa com adolescentes menores de idade, para dar o seguimento da pesquisa, utilizamos um conjunto de autorizações, tanto com os responsáveis dos participantes, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), quanto com os participantes, o Termo de Anuência (TA); e junto com a escola onde a pesquisa foi desenvolvida, o Termo de Autorização Institucional (TAI). Ademais, o projeto foi submetido ao CEP, após a etapa de qualificação do projeto de pesquisa.

Cabe destacar que os jovens participantes foram informados da possibilidade de desistir de participar a qualquer momento da pesquisa, bem como dos inconvenientes e/ou constrangimentos que poderiam ser gerados durante as interlocuções, e que esses poderiam ser interrompidos conforme a escolha de ambos os lados.

Além dessas questões, durante o desenvolvimento do estudo, colocamo-nos à disposição para explicações de quaisquer dúvidas que possam surgir por parte das pessoas envolvidas e/ou participantes.

4 ANÁLISE

4.1 As mulheres que são dignas de serem defendidas: sentidos produzidos por alunos praticantes de futsal no contraturno escolar sobre a violência de gênero.

4.1.1 RESUMO

O nosso artigo parte das dinâmicas de masculinidades nos contextos de vivências do futebol, a fim de analisar os sentidos produzidos por um grupo de alunos sobre suas relações com as mulheres, notadamente, aquelas de vínculo próximo. A metodologia deste estudo parte da produção de mapas da violência contra mulheres de Porto Alegre e identificação das escolas situadas nas adjacências das zonas críticas, produzidos por meio do software de georreferenciamento. Na sequência, observamos e realizamos o grupo focal com os participantes dos jogos de futsal do contraturno escolar. Em seguida, realizamos a análise dos dados obtidos nas observações e no grupo focal. Os dados advindos do grupo focal e dos diários de

campo mostram que os alunos daquela escola entendem que as mulheres, consideradas frágeis e incapazes de se defender, devem ser defendidas. Todavia, essa proteção não é incondicional. Enquanto sujeitos que se reconhecem como homens, aqueles garotos exercem seus privilégios de julgamento das condutas femininas. Desse modo, o bom comportamento das mulheres implicaria o merecimento de cuidado e proteção, assim como a inadvertência dos modos de ser e se portar poderia colocá-las à mercê de abusos e/ou violências.

Palavras-chave: Gênero; Violência contra as mulheres; Masculinidades; Futebol.

4.1.2 INTRODUÇÃO

Segundo dados do Relatório de Futebol e Violência contra a Mulher (2022), em dias de jogos, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre, há um aumento nos crimes de ameaças (23,7%) e lesão corporal (20,8%). Esse acréscimo nos percentuais de crime é intensificado quando as partidas são sediadas nas cidades de origem das equipes. De acordo com Cerqueira (2022), os registros de crime de lesão corporal chegam a 25,9%.

Além disso, nos últimos anos, tem sido cada vez mais frequente a midiática de casos de violência contra as mulheres, perpetrados por ídolos do esporte. Exemplificamos diversos casos, como o do técnico Cuca que, em 1989, juntamente com jogadores do Grêmio (time, os quais defendiam na época), praticaram estupro coletivo contra uma menina de aproximadamente quatorze anos³. Em 2010, Bruno, goleiro do Flamengo, esteve envolvido no assassinato e esquartejamento de sua ex-esposa, Eliza Samudio, crime pelo qual foi condenado a 22 anos de prisão⁴.

Em 2024, o ex-jogador Robinho foi condenado e preso pelo estupro coletivo de uma jovem albanesa, ocorrido em 2013⁵. Ainda, o ex-lateral-direito Daniel Alves foi libertado, após o pagamento de fiança, referente ao estupro cometido, em 2022⁶. Outros casos são ainda possíveis de serem citados, como o de Kleiton Lima, ex-

³ Em sua apresentação no Atlético-PR, o treinador abordou o tema e fez uma retratação pública, após forte rejeição devido ao caso de estupro acontecido em 1989, onde ele participou do estupro coletivo, acarretando diversos problemas para a menina, que passou por tratamento psicológico e mais tarde acabou vindo a falecer.

⁴ Atualmente, o ex-goleiro atua como empresário no ramo do futebol.

⁵ Em março de 2024, o ex-atacante foi preso no Brasil, após tentar no STF a liberação para não cumprir a sua pena de nove anos imposta pela justiça italiana, devido ao estupro coletivo de uma jovem albanesa na saída de uma boa de Milão na Itália.

⁶ Em março de 2024, o ex-lateral direito Daniel Alves foi libertado da prisão após o pagamento de uma fiança de 1 milhão de euros. O ex-jogador está aguardando em liberdade condicional o julgamento dos recursos em relação à sua pena de quatro anos e seis meses de prisão devido ao estupro de uma jovem ocorrido em uma boate em Barcelona na Espanha.

treinador dos Santos, cuja acusação de assédio sexual pelas atletas acarretou seu desligamento do comando técnico da equipe⁷. O atacante da seleção brasileira Antony está sendo investigado por supostas agressões à sua ex-namorada, ocorridas em 2023⁸.

Na confluência entre futebol, violência e relações de gênero, evidenciamos as dinâmicas de masculinidades, seguindo as pistas deixadas por Silva, Kunzler e Pacheco (2022) que, ao investigarem um grupo de rapazes matriculados em uma escola, localizada numa região de alto índice de violência contra as mulheres, no Município de Novo Hamburgo, mostram que as dinâmicas do futebol, bem como a defesa da honra masculina, se constituíam como argumento legítimo, permeando os conflitos daquela escola.

De modo semelhante, ao etnografar as práticas culturais vivenciadas pelas/os moradoras/es da “Vila do Cachorro Sentado” em Porto Alegre, Fonseca (2000) sinaliza que a “(má) conduta” das mulheres, em especial, aquelas de vínculo próximo aos homens, incidia diretamente sobre a honra masculina, demandando algum tipo de intervenção dos homens daquele contexto.

Desde os estudos de Silva, Kunzler e Pacheco (2022) e Fonseca (2000), a honra masculina parece se constituir como elemento deverasmente profícuo para compreender a relação entre violência contra as mulheres e o futebol. Nesse sentido, embasado nos procedimentos de georreferenciamento que apontaram as regiões com altos índices de denúncia sobre as violências contra as mulheres no município de Porto Alegre⁹, localizamos as escolas por meio dos mapas de calor. O artigo parte das dinâmicas de masculinidades nos contextos de vivências do futebol, a fim de analisar os sentidos produzidos por um grupo de rapazes sobre suas relações com as mulheres, notadamente, aquelas de vínculo próximo.

⁷ Em abril de 2024, o ex-treinador foi afastado do comando técnico, após uma onda de protestos de diversas jogadoras e times femininos do Brasil, devido a sua volta ao comando técnico do Santos, mesmo após diversas denúncias de assédio a jogadoras do Santos em 2023.

⁸ O atacante está sendo investigado pela suspeita de agressão à sua ex-namorada em 2023, sendo que a investigação acabou influenciando a sua desconvocação da seleção brasileira e também no afastamento de alguns jogos do seu time na Inglaterra.

⁹ Procedimento metodológico que compõe o Projeto de pesquisa “Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer: um estudo nas regiões de alto índice de denúncia de violência doméstica e familiar do município de Porto Alegre”, financiado pelo CNPq, por meio do Edital CNPq/MCTI/FNCT Nº 40/2022 desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4.1.3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Gênero neste texto é tomado como um importante constructo sociocultural e linguístico. Esse processo alicerça a construção do sujeito, sobretudo as dinâmicas normativas sociais que permeiam esses sujeitos (Meyer, 2004, p.15).

Butler (2014), por sua vez, aborda a dicotomia do masculino e feminino, tidos como condicionantes da arquitetura social, em que as distinções de gênero e as semelhanças pautam-se em diversos fatores: a concepção de corpo, de natureza, da divisão sexual do trabalho, constituição de família, de características implicadas à identidade social dos sujeitos no que se refere ao ser homem, mulher, entre outras configurações sociais.

Os estudos sobre gênero emergem para desnaturalizar as identidades dadas ao homem e à mulher. Disso, compreendemos que os temas implicados à oposição masculino/feminino perpassam para além da dimensão biológica dos seres humanos, trabalhando no âmbito da cultura e, sendo assim, podendo ser transformados (Butler, 2014).

As discussões são muito importantes para compreendermos as relações sociais, pois são esses constructos que possibilitam esse entendimento sobre as dinâmicas de poder que ocorrem entre as mulheres e os homens em nossa sociedade. Nesse sentido, a masculinidade se torna um desses pontos, pois esse processo de masculinidade imbrica as relações desses homens em sociedade, normalmente, excluindo, discriminando esses sujeitos que não se adaptam a sua visão de “Homem” (Connell, 1995).

Compreendem as relações de gênero, a partir de um inter-relacionamento das questões de poder, que envolvem diferentes sujeitos que produzem desigualdades. As relações entre homens e mulheres, caracterizando as desigualdades de gênero. Essas masculinidades devem ser constantemente demonstradas e comprovadas, pois há sempre um questionamento constante sobre esse processo de validação, pois se dá pelo fato de que não se pode falhar em relação aos princípios da masculinidade, buscando atingir um padrão que não haja questionamentos sobre ela.

4.1.4 METODOLOGIA

O estudo foi organizado em três etapas. Etapa 1 – Produção dos mapas da violência e identificação das escolas parceiras. Num primeiro momento, acessamos

a unidade de Porto Alegre das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM). O primeiro processo foi o levantamento de dados concernentes às denúncias de crimes cometidos contra as mulheres. A incursão iniciou mediante o contato do professor orientador na unidade de Porto Alegre das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), onde acessamos os dados de denúncias de crimes cometidos (feminicídios tentados e consumados, estupros, estupros de vulneráveis e lesões corporais); identificando os endereços dessas ocorrências, a idade e as etnias dessas mulheres.

Em seguida, esses dados foram dispostos em uma planilha de Excel, em que pontuamos os endereços, utilizando o programa de georreferenciamentos no software “Google Earth”, que foram importados para o software “ArcGIS” e transformados em três arquivos vetores, empregando o Datum WGS 84 e projeção UTM, gerando, assim, os Mapas de Kernel (mapas de calor), indicando o local com maior incidência de crimes contra as mulheres, na cidade Porto Alegre, (Silva, Meyer e Riegel, 2021). A utilização dessa metodologia (Mapas de Kernel) auxiliou nas indicações das regiões a serem estudadas devido à sua precisão, pois, por meio da alimentação de dados das ocorrências, o mapa apontou para a região mais crítica (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

O mapeamento apontou para um bairro da zona leste da cidade de Porto Alegre, onde está situada a escola escolhida para a realização da pesquisa. Esse bairro tem características residenciais, abrigando uma infraestrutura menor em relação às outras áreas da cidade, com uma população mais heterogênea, demonstrada por suas expressões culturais e religiosas (Brusius, 2012).

Etapa 2 – Apresentação da proposta de pesquisa, identificação dos colaboradores e observação dos sujeitos da pesquisa. Em seguida, conversamos com a Direção da Escola sobre a possibilidade de desenvolver a pesquisa junto com a instituição. Nesse ínterim, conversamos com o vice-diretor, que nos indicou o grupo de futsal dos meninos do contraturno escolar. As aulas eram desenvolvidas nas segundas e quartas-feiras e acolhia meninos entre 10 e 14 anos, matriculados entre 6º e 9º ano do Ensino Fundamental. Posteriormente, tivemos contato com a professora regente da turma, que nos explicou o contexto da turma e de que forma ministrava suas aulas.

Durante o processo de acompanhamento, realizamos a observação participante, percebendo assim o comportamento desses alunos de futsal do

contraturno. A observação participante requer muito do pesquisador, pois demanda um processo de adaptação ao ambiente e com os indivíduos da pesquisa, pois se trata de um processo etnográfico, em que o pesquisador participa ativamente do processo de obtenção dos dados (Pawlowski, Andersen, Troelsen, & Schipperijn, 2016).

A observação participante foi essencial para delinear o que utilizaríamos no grupo focal. Optamos por adotar essa metodologia, que consiste na interação entre o pesquisador e os participantes em relação à coleta de dados, na medida em que ela nos permitiu arquitetar uma discussão com tópicos específicos e diretos acerca do tema (Iervolino e Pelicione, 2001).

Etapa 3 – Análise dos dados obtidos. Nesse ínterim, verificamos os dados qualitativos organizados em cinco fases analíticas. Na primeira fase: a compilação dos dados obtidos nas entrevistas. Na segunda fase, a decomposição dos dados obtidos. Na terceira fase: recomposição desses dados. Na quarta fase, interpretação dos dados. Na quinta e última fase, a conclusão em relação aos dados obtidos (Yin, 2016).

A fim de preservarmos as identidades dos discentes participantes da pesquisa, seus nomes foram substituídos por nomes de jogadores dos times do Grêmio e do Internacional que disputaram a temporada de 2002. Todo o processo da pesquisa obedeceu aos parâmetros éticos das pesquisas com seres humanos de acordo com a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 que estabelece normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Brasil, 2016)¹⁰.

4.1.5 ANÁLISE

A pesquisa ocorreu nas dependências da escola parceira e nos permitiu entender como os alunos atribuem sentido aos comportamentos de meninas e mulheres com as quais eles se relacionam. Durante os jogos de futsal do contraturno escolar, não só observamos os comportamentos dos alunos, mas também interagimos com eles. Com isso, rapidamente, eu, responsável pelas

¹⁰ A pesquisa teve seus procedimentos aprovados junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande Sul (sob o número 67399723.2.0000.5347), da Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre e teve autorização institucional da Escola Municipal parceira. As crianças expressaram seu consentimento por meio de assinatura dos Termos de Consentimentos Livre e Informados e seus responsáveis manifestaram anuência da participação de seus filhos por meio da assinatura do Termo de Anuência.

observações dentro da pesquisa, passei a ser chamado de Sor¹¹, sujeito reconhecido como autoridade e que, por vezes, intervinha tanto pedagogicamente quanto sobre o comportamento da turma. Ressaltamos, entretanto, que a minha boa relação com os alunos foi produzida pela minha proximidade com o futebol e, principalmente, pelo modo como esse esporte compõe minha identidade de gênero. Desse modo, os privilégios das masculinidades heterocentradas produzidas em meio ao futebol foi um facilitador para eu interagir com os alunos.

A interação e o vínculo que se constituiu durante as observações e a mediação do grupo focal foi decisiva para percebermos as situações de conflitos existentes, bem como as relações entre eles e seus familiares, sobretudo entre eles e mulheres e meninas que lhes são próximas. Nesse período, verificamos que a postura dos alunos com a professora mostrou-se por vezes desrespeitosa e combativa.

4.1.6 “Em mulher não se bate!”: entre a covardia e a coragem masculina, a certeza da fragilidade feminina.

A máxima “em mulher não se bate” parece ser consenso entre os alunos, uma afirmativa capaz de colocar sob suspeita a honra daqueles que não a defendem publicamente.

Ao longo do grupo focal, alguns alunos relataram anedotas protagonizadas por eles, cujo desfecho evidenciava a proteção de meninas e mulheres. Segundo o narrador, Danrlei, um aluno do sexto ano, mesmo sob o risco de ser suspenso da escola, teria se envolvido em uma briga durante o recreio para proteger uma garota que ele sequer conhecia. “É sor, teve um dia que o cara lá da 52, ele deu um socão na boca da nossa colega. Ele estava dando um monte de soco nela. Daí, chegou o Danrlei e deu um soco na cara dele para poder proteger ela”.

Apontado pelos outros garotos como um sujeito intempestivo, Danrlei foi se mostrando, ao longo do grupo focal, um rapaz de postura comedida, mas que reivindicava para si o adjetivo de agressivo em situações de injustiça. Diante de uma situação hipotética que colocava mulheres em situação de abuso ou agressão, o aluno foi categórico ao dizer que faria uso de violência contra outros homens para

¹¹ Modo como os garotos e garotas daquela comunidade se referem aos professores. Essa proximidade de tratamento se deu pela interação que tive com os meninos no dia a dia e por substituir a professora em alguns momentos das atividades, pois a minha experiência profissional me deu condições para isso.

defender as mulheres. De acordo com Danrlei: “pego um pedaço de pau com prego e ia dar na cabeça dele”.

Amplamente compreendido e com apoio irrestrito dos colegas, o entendimento de que as mulheres devem ser protegidas se apoia nos atravessamentos de gênero na organização das dinâmicas sociais daquela comunidade. Entendidas como frágeis, débeis e incapazes de cuidar de si, as mulheres precisariam de braços fortes para protegê-las¹² (Formiga, Golveia, Santos, 2002).

A noção de que não se deve bater em mulher é compartilhada pelo grupo de alunos, como podemos averiguar nas falas que se repetiram ao longo das observações e mediações: “homem que é homem não mexe com a mulher”; “homem não bate em mulher”, entre outras. Essa noção de proteção advém das situações que esses meninos observam ou lidam, sobretudo, no seu ambiente familiar, onde lhes são apresentados esses modelos, em que o homem deve ser o esteio da família, proteger todos, principalmente, as mulheres, por serem mais frágeis (Diez, 2019).

Segundo Colling (2004), a fragilidade associada às mulheres produz e é produzida por meio de representações que as informam como seres incapazes de tomarem decisões e de defenderem a si próprias. A suposta fragilidade feminina faz com que os homens ainda achem que precisam ser os protetores das mulheres, proporcionando um movimento de defesa delas perante situações de conflitos (Formiga, 2007).

Ainda que haja um entendimento consensual acerca da proteção feminina como atributo masculino, as anedotas contadas pela turma durante o grupo focal colocaram em evidência que eram os próprios homens os perpetradores da violência. Quando foram questionados sobre as condições em que as mulheres não precisavam ser defendidas, um dos alunos respondeu: “quando o homem não tá fazendo nada pra mulher dele” (Clemer). De forma complementar, outro aluno sinaliza: “ou então quando é briga de mulher com mulher” (Anderson)

¹² Aqui fazemos uma ressalva para pensar algumas contradições desse processo. Boa parte das mulheres daquela comunidade são responsáveis legais e financeiras por suas famílias. A desresponsabilização dos homens pais é uma prática comum naquele contexto. Entre mulheres negras daquela comunidade, essa realidade é ainda mais presente. Ou seja, apesar de serem cuidados pelas mães e pelas irmãs, os rapazes se sentem responsáveis por elas, responsáveis por sua proteção, especialmente quando se demanda força física para isso.

Num contexto em que os homens precisam defender as mulheres dos próprios homens, aqueles que ousam contra a fragilidade feminina são considerados “covardes” e sua transgressão é passível de colocar sob suspeita a honra dos agressores (Lima e Motta, 2020).

No contexto social investigado, os códigos de masculinidade prescritos parecem instituir um conjunto de princípios morais nos quais a covardia deve ser repreendida. Considerados naturalmente mais fortes e vigorosos, os homens deveriam ser capazes de controlar seus ímpetos agressivos, assim como estender seus privilégios sobre aqueles e aquelas que, por sua condição de vulnerabilidade, não conseguem se defender.

Nessa dinâmica, sobre os homens que seguem os preceitos dos códigos de masculinidade incidem um conjunto de privilégios. Nomeados como valentes, nobres e corajosos, aqueles que desafiam os riscos em defesa das mulheres são tomados como sujeitos de distinção, a exemplo do relevo alçado por Danrlei, ao ser apontado, pelo colega, como exemplo de sujeito bravo e honrado por ter defendido uma colega que ele sequer conhecia. Assim, ao demonstrarem de maneira pública as suas virtudes de coragem e virilidade (Fonseca 2000), os rapazes, como Danrlei, afastam de si atributos considerados femininos, como medo, passividade e fraqueza, reiterando os privilégios das masculinidades heterocentradas (Gums e Hansen, 2023).

A defesa das mulheres se constitui como importante característica de hombridade para esses alunos, contudo, algumas recebem maiores cuidados. Mulheres de vínculo próximo, em especial irmãs e mães, surgiram, tanto nas atividades do futebol do contraturno quanto no grupo focal, como sujeitos que merecem especial respeito.

Quando questionamos sobre situações adversas nas quais suas irmãs estivessem envolvidas, alguns desses meninos demonstraram certo grau de irritação narrando situações hipotéticas de agressão e violência. Entre atos de bravura, indignação e anúncios de agressão, o relato de Danrlei chamou atenção. Para além da intensidade da violência narrada, os motivos que o impeliam a atitudes agressivas produziram silêncio e atenção entre os colegas que estavam presentes no encontro do grupo focal. Apontada pelo rapaz como alvo de constante assédio na escola, a irmã de Danrlei, uma garota negra, convivia ainda com diversas manifestações de racismo. Com a fala endossada pelos demais colegas, a denúncia

de Danrlei se convertia, ao mesmo tempo, em ameaça a todos aqueles que estavam presentes naquela sala, uma estratégia retórica que, por meio do anúncio da violência, comunicava àquele grupo os limites do que era considerado aceitável.

A defesa das irmãs também ocorria, por vezes, por meio de acordos tácitos estabelecidos entre os garotos e as garotas que colocam a proteção e a lealdade entre os irmãos como condição que facilitaria os trânsitos, as relações com diferentes sujeitos da comunidade, bem como a solução ou mediação de conflitos. Segundo Roger, o acordo instituído com a irmã se justifica pelo cuidado mútuo, ela “me defende e eu defendo ela”. Já Anderson na mesma direção sinaliza: “Eu defendo a minha irmã, eu bato neles, tipo [por]que a minha irmã já foi me defender um montão de vezes das gurias, quando elas queriam me bater”.

Sujeito honrado, Anderson busca fugir do embate direto com as garotas para não ser tomado como covarde. Assim, sua irmã, pela legitimidade de seu gênero, é acionada para tratar dos conflitos estabelecidos com as meninas e, desse modo, o pacto entre irmão e irmã é fortalecido, garantindo a prerrogativa do cuidado mútuo.

Para além desses movimentos de proteção às suas irmãs, os meninos têm um pacto de proteção ainda mais forte com suas mães. Percebemos isso quando os meninos começam a relatar a importância de suas mães, mostrando que xingamentos ou piadas que mencionem suas mães parecem não ser tolerados, uma vez que brigas e xingamentos são disparados em nome da defesa da honra dessas mulheres.

Esse tipo de comportamento se manifestou numa situação em um dos dias de observação das aulas, em que o “Tinga”, nitidamente frustrado com a performance do colega, ofendeu o rapaz: “vai tomar no cu, arrombado”. Apesar do tom belicoso, nada aconteceu. Ofensas destinadas aos garotos, até mesmo aquelas de cunho homofóbico, parecem ser toleradas. Entretanto, quando o garoto se referiu à mãe do colega, a confusão começou imediatamente. De acordo com o ofensor: “Seu filho da puta, a tua mãe [é] aquela arrombada, chinelona”. O rapaz, sentindo-se ofendido e impelido a produzir uma ação imediata que coibisse os xingamentos destinados à honra de sua mãe e a sua própria, aproximou-se com feição de indignação e raiva, dando um chute no colega. Entre olhares de estranhamento e um clima nitidamente tenso, a briga foi contida pelas regras da escola e de participação no futsal do contraturno escolar.

Pauta do grupo focal alguns dias depois, o conflito motivado pelo desrespeito à mãe do colega foi entendido como perfeitamente aceitável. De acordo com um dos participantes do grupo focal: “Se tivesse falado da minha mãe, eu teria feito pior” (Clemer). Outro rapaz sinaliza: “O sor, falar de nós é uma coisa, mas falar da mãe é outra coisa”, e complementa: “o cara perde a paciência quando fala da mãe da gente” (Danrlei). Entendido de modo pacífico como transgressão inadmissível, “xingar a mãe” produz como efeito respostas violentas esperadas, afinal, de acordo com Clemer, “a mãe é sagrada”.

Os conflitos, desencadeados pela defesa da honra de suas mães, nos indicou que nas dinâmicas de masculinidade empreendidas por aqueles garotos, mulheres, em especial mães e irmãs, deveriam ser protegidas.

Segundo Fonseca (2000), esse movimento de proteção que é exercido por esses meninos se constitui como um comportamento de zelo com suas mães e irmãs e tem por finalidade a preservação da honra familiar. A partir das discussões do grupo focal, a honra feminina no contexto daqueles garotos parece estar centralmente relacionada ao controle da sexualidade das mulheres.

As mulheres, de acordo com aqueles garotos, deveriam seguir certos preceitos morais. Sobre as mães, em especial, parece recair um conjunto de expectativas que tendem a aproximar essas mulheres de representações de castidade e santidade, afinal, conforme Clemer já nos informou: “a mãe é sagrada”.

Sob essa perspectiva, para esses garotos, assim como para Fonseca (2000), o comportamento sexual considerado moralmente inadequado de suas mães e irmãs se estende à honra familiar e à honra dos homens que as cercam. A sexualidade das mulheres, portanto, parece ser capaz de mediar ou a honra ou a vergonha daqueles/as que possuem relações de parentesco com essas mulheres.

Nas dinâmicas de masculinidade empreendidas por esses alunos, não raras vezes, a honra feminina é deliberadamente desrespeitada, um movimento que, ao questionar a conduta sexual das mulheres, desafia a hombridade daqueles que se sentem encarregados de defendê-las. Ao dizerem: “comi a tua irmã” ou ao se referirem ao colega como “filho da puta”, aqueles garotos são instados ao revide. Inseridos numa rede de relações com outros garotos durante as atividades do futsal no contraturno, ser convocado a responder ao desrespeito proferido contra mães e irmãs constitui-se como uma obrigação que corresponde às expectativas do grupo

que entende que a violência, nesse contexto, não somente é legítima como também é necessária.

Ao defender a honra de suas mães e irmãs, os garotos, portanto, respondem às expectativas de masculinidade que, por meio da violência, comunica sua disposição para o embate, conduta que confere ao autor do revide características de hombridade, virilidade, coragem e destemor, predicados das masculinidades heterocentradas.

4.1.7 Abandonadas à própria sorte ou punidas pelas prerrogativas masculinas

Durante as observações, verificamos que os alunos desaprovam e acreditam que comportamentos fora dos padrões impostos por uma sociedade patriarcal devam ser corrigidos, isto é, mães, irmãs, amigas, colegas, desconhecidas são (des) protegidas em razão de suas condutas. Esses comportamentos ficaram muito evidentes ao longo do processo de observação realizado durante as aulas de futsal, porque esses alunos não aceitavam de bom grado as orientações colocadas pela professora.

A desaprovação e as dificuldades dos alunos em estabelecer um vínculo com a professora se devem principalmente ao fato de ela estar há pouco tempo na instituição, tendo ainda pouco convívio com esses meninos que tinham um vínculo de longa duração com seu antigo professor. Ainda, na medida em que os alunos não reconheciam na professora substituta as mesmas características do seu antigo professor, eles tampouco reconheciam sua autoridade. Desse modo, atritos entre alunos e professora foram gerados. Em algumas ocasiões, a professora fora hostilizada por não atender aos anseios do grupo: “vai te foder sora” (fala do Tinga), “viu sora o que tu fez” (fala do Tinga).

Como visto, os alunos se valem de processos históricos de utilização de violência contra mulheres para normalizarem suas condutas perante a professora, justificando as agressões em virtude de a professora não atender ao comportamento padrão estabelecido pela sociedade (Silva, Meyer e Riegel 2021).

Diante de posicionamentos ou comportamentos antagônicos por parte dos alunos em algumas ocasiões específicas, principalmente quando a professora repreendia a falta de respeito por parte deles, foram levantados três aspectos relevantes: a postura, o comportamento dos alunos naquele ambiente e o fato de não respeitarem as orientações passadas pela professora. Em relação ao

comportamento, com a finalidade de diminuir os atritos entre os alunos, foram impostas regras para que conseguissem praticar as atividades na escola.

Destaca-se também, um dos momentos mais tensos das observações, uma discussão bastante exaltada entre a professora e um dos meninos devido ao uso de material específico para uma atividade, momento em que o aluno saiu xingando e ameaçando a professora por não concordar com a sua decisão, proferindo os seguintes dizeres: “quem tu acha que é, pra me mandar embora”, “tu vai ver com quem tu tá lidando” (Cássio).

A violência empregada contra a professora demonstra uma faceta muito peculiar, em que essas violências de gênero empregadas delimitam os padrões de vida dessas mulheres nos mínimos detalhes, pois uma vez acionadas, essas prerrogativas determinam de que maneira essas mulheres se portaram perante a situação (Silva, Meyer e Riegel 2021).

Diante do comportamento desses alunos de extraclasse, Monteiro et al. (2014, p. 437) alerta para a necessidade de se refletir e debater sobre as repercussões das relações de poder e dominação presentes na sociedade e a desigualdade estrutural, enquanto elementos que modelam subjetividades conferem sentidos distintos às experiências de discriminação.

O que vai ao encontro do que foi visto no grupo focal, em que, nas falas dos meninos, ficam evidentes as distinções de tratamento e discriminação às mulheres de acordo com seu comportamento e profissão. O aluno Clemer, por exemplo, diz que protegeria uma mulher “Quando o homem tá batendo na mulher”, evidenciando a sua conduta de proteção nesse caso.

O aluno Anderson diz que não protegeria uma mulher quando “Ela trabalha em palanque”, termo utilizado pelos garotos para se referir a mulheres que se prostituem. O aluno Nilmar diz que não protegeria uma mulher quando ela “rouba”. O aluno Éltton diz que não protegeria uma mulher “quando a mulher bate no rosto do cara”, demonstrando, que certos tipos de comportamento sociais não aceitos fazem com que as mulheres percam o direito de serem protegidas.

Para esses jovens alunos, a proteção à mulher está relacionada com o comportamento e não com a sua identidade como mulher. Corroborando isso, Setton (2005, p. 345) diz que “a identidade social e individual não se realizaria mais a partir de uma correspondência contínua entre indivíduo e sociedade, entre papéis propostos pelas instituições e sua integral identificação pelos indivíduos”. Assim, o

que determina a forma como a mulher deve ser tratada decorre de um comportamento adequado aos padrões sociais.

Os relatos dos alunos mostram uma noção de família pautada nos discursos tradicionais e conservadores que desconsidera a individualidade dos sujeitos que dela participa, sinalizando para construções sociais que se embasam em modelos únicos e homogêneos de papéis sociais que devem ser assumidos e reproduzidos sem questionar a existência do diverso, da heterogeneidade e das diferenças (Costa, 2009, p. 359).

Eduardo, por exemplo, critica sua mãe: “Porque minha mãe, ela manda em mim, só que às vezes ela se passa. Daí eu tenho que respeitar mais o meu padrasto, porque ele é meu padrasto e coloca-a no lugar dela”. Para Eduardo, sua mãe exerce tal comportamento por questão de ego e/ou vaidade: “Não tipo assim, é porque às vezes a minha mãe se acha muito”, demonstrando sua objeção ao comportamento da mãe na medida em que ela não respeita o modelo de família patriarcal, “cujo modo de ordenação das relações de afinidade se centrava na figura do homem/patriarca. Somente a ele cabia a regulação das relações no seio da família” (Costa, 2009, p. 358-359).

Para esses alunos, as mulheres devem ser punidas quando agem em desacordo com o padrão esperado, sendo muitas vezes castigadas, tanto na forma moral quanto na forma física, pois acreditam que assim elas entenderão a situação e não farão nada que foge àquilo que se espera delas. Eles repudiam mulheres que quebram a confiança do homem mediante uma infidelidade e, como punição ou vingança, agem do mesmo modo. “Aí nós pega outra guria”, diz Roger. “Bota chifre, e eras isso”, gaba-se Eduardo. “Eu pego e termino com ela, vou para a mesma festa, e pego um monte de guria na frente dela”, complementa Eduardo.

A reação deles diante da traição vai ao encontro da fala de Fonseca (2000) que sinaliza que a (má) conduta das mulheres, em especial, daquelas com vínculo próximo aos homens, incide diretamente sobre a honra masculina, demandando algum tipo de intervenção dos homens daquele contexto, desencadeando punições como constatamos nas falas dos meninos durante o grupo focal.

O posicionamento ou comportamento apresentado por esses meninos extrapola as próprias normativas colocadas pela sociedade, pois eles praticam ações não condizentes às normas sociais. Alexandre relata: “Eu pegava, sim a namorada do meu amigo, agarrava ela, e beijava ela na boca”. Mesmo sem o

consentimento da menina, agiria dessa maneira para punir a sua namorada, praticando um ato de agressão com essa outra menina. Alexandre reforça esse comportamento quando complementa: “Eu falei, olha, vai olhar e aí, gente, o senhor fazia assim, enrolar o cabelo dela assim, ó, eu ia próximo dela e ia dar beijão na frente dela”, enfatizando a ação de pegar outra menina a força, como meio punitivo a sua namorada.

A partir das entrevistas e das observações, percebemos que esses alunos, assim como afirma Setton (2005, p. 344), não aderem totalmente a nenhum de seus papéis, que têm como tarefa articular lógicas de ação, que os ligam a cada uma das dimensões de um sistema, ou seja, esses meninos se constituem também a partir da reflexividade de sua trajetória e da síntese que fazem quando se constituem subjetivamente a partir das múltiplas experiências formativas que vivenciam.

O que se observa é uma tendência à articulação e à negociação constante entre valores e referências institucionais diferenciados e às biografias dos sujeitos (Setton, 2005, p. 345), bem como relações de poder polarizadas, com destaque para relação dominante e dominado ou de superioridade e inferioridade na relação homem /mulher, para pensar que homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há constantes negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças (Louro, 2014, p. 44).

Dado o exposto, essas relações emergem para serem repensadas no contexto social contemporâneo, já que as diferentes identidades de gênero e sexuais têm se destacado, seja por estratégias de resistências e afirmação de suas singularidades, seja como alvo de ataques de práticas conservadoras que não aceitam modos de existir que se diferem dos padrões heteronormativos.

Questionando a situação: quando as mulheres merecem ser defendidas? Essa pergunta pode ser melhor analisada se for questionado em qual momento essas mulheres devem receber a proteção desses meninos/homens. Indubitavelmente a resposta nem sempre será a mesma, pois depende das situações apresentadas e de alguns contextos específicos para que essas mulheres recebam a proteção desses meninos.

Esse processo está intimamente ligado a diversas situações, nas quais elas são negociadas e discutidas, para que possam ser validadas e aplicadas com o intuito de proteger as mulheres, independente do seu vínculo ou não, mas sim pela ação que está sendo exercida por essas mulheres.

4.1.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros com os garotos que participam do futsal do contraturno escolar permitiram compreender algumas dinâmicas de masculinidade em contextos de alto índice de denúncia de violência praticadas contra as mulheres. Especificamente, o material empírico produzido em conjunto com os meninos colocou em evidência os modos como concebem suas relações com as mulheres com quem convivem.

Ironicamente, em uma das regiões de maior incidência de violência doméstica e familiar do município, os alunos parecem fazer circular um pacto de proteção das mulheres, entendidas por eles como frágeis e carentes de tutela. Em torno da máxima “em mulher não se bate” são construídas representações de honra, retidão de caráter e justiça, elementos distintivos das masculinidades heterocentradas naquele contexto. Em contrapartida, ser agressor de mulheres é entendido como característica de um sujeito covarde.

De acordo com os alunos, a defesa das mulheres se estende também à defesa da honra feminina, com ênfase às suas mães e irmãs. As violações destinadas a elas se constituíram ao longo do período de observações como autorização para que o conflito físico entre os rapazes acontecesse. Cabe ressaltar que as ofensas, mesmo as homofóbicas, destinadas aos próprios garotos e aos demais homens de suas famílias, quando não foram desconsideradas, receberam menos importância dos ofendidos do que aquelas destinadas a suas mães.

Os alunos daquela escola entendem que as mulheres, notadamente as que os cercam, devem ser defendidas. Todavia, essa proteção não é incondicional. Enquanto sujeitos que se reconhecem como homens, aqueles garotos exercem seus privilégios de julgamento das condutas femininas. Desse modo, a boa conduta das mulheres implicaria o merecimento de cuidado e de proteção, assim como a inadvertência dos modos de ser e se portar poderia colocá-las à mercê de abusos e/ou violências.

4.1.9 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Diário Oficial da União [Internet], 2016.

BRUSIUS, Analice. Adolescência e justiça: um estudo sobre a implementação da Justiça Juvenil Restaurativa na Comunidade e sua relação com a comunidade do bairro Bom Jesus. 2012.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, p. 249-274, 2014.

CERQUEIRA, Daniel, et al. Futebol e violência contra a mulher [livro eletrônico]/ coordenação Daniel Cerqueira. - 1. ed. -- São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Instituto Avon, 2022. PDF.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História. Um diálogo possível? **Revista Contexto & Educação**, v. 19, n. 71-72, p. 29-43, 2004.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, 20 (2), 185-206. 1995.

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Ideologias de gênero e sexualidade: a interface entre a educação familiar e a formação profissional de enfermeiras. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 22, p. 485-492, 2009.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. Discursos sobre fragilidade feminina: educação da mulher no Brasil colônia. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 19, n. 2, 2012.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

FORMIGA, Nilton S. Valores humanos e sexismo ambivalente. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 19, p. 381-396, 2007.

FORMIGA, Nilton S.; GOLVEIA, Valdiney V.; SANTOS, Maria Neusa dos. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia em estudo**, v. 7, p. 103-111, 2002.

GUMS, Elyson; HANSEN, Fábio. Masculinidades, elitização e resistência: discursos sobre o futebol moderno na fanpage Cenas lamentáveis. **Intexto**, n. 55, 2023.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev Esc Enf USP**, v. 35, n. 2. 2001.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, p. 103-117, 1998.

LIMA, Renato Martins; MOTTA, Roberta Fin. "HOMEM QUE BATE EM MULHER, COVARDE É": A CORAGEM COMO VIRTUDE DE PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO. **Contradição-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 1, 2020.

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, p. 13-18, 2004.

MEYER, D. E.; SOARES, RFR; INTRODUÇÃO–CORPO, Gênero. Sexualidade nas Práticas Escolares: um início de reflexão. _____. **Corpo, Gênero e Sexualidade**, v. 2, 2004.

MONTEIRO, Simone Souza; VILLELA, Wilza Vieira; SOARES, Priscilla da Silva. É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 421-440, 2014.

PAWLOWSKI, Charlotte Skau et al. Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. **PloS one**, v. 11, n. 2, p. e0148786, 2016.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**, v. 17, p. 335-350, 2005.

SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: relações e tensões. **Revista Educação em Questão**, v. 59, n. 59, 2021.

SILVA, André Luiz dos Santos; KUNZLER, Rômulo Henrique; PACHECO, Ariane Corrêa. Homofobia e masculinidades na escola: um estudo em uma região de alto índice de denúncias de crimes de "violência doméstica e familiar contra a mulher". **Educações Físicas: temas emergentes para mundos (im) possíveis / Arnaldo Sifuentes Leitão, Mateus Camargo Pereira (Organizadores)** – Curitiba: CRV: 2022. 294 p. (Coleção Temas Emergentes da Educação Física, v. 1).

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

4.2 A humilhação por meio da performance: dinâmicas conflitivas e relações de gênero entre garotos do futebol do contraturno escolar

4.2.1 RESUMO: Este artigo analisa dinâmicas conflitivas empreendidas por um grupo de garotos que jogam futsal no contraturno escolar em uma escola localizada em uma região de alto índice de violência vivida por mulheres. A metodologia deste estudo se apoiou na observação participante com registro em diário e grupo focal como estratégias de produção do material empírico. Os procedimentos analíticos foram empreendidos a partir dos pressupostos da análise qualitativa de Yin (2016). Como resultado, foi possível perceber que a honra masculina se tornou uma questão importante para a compreensão das dinâmicas conflitivas entre os rapazes que

jogam futsal. Nas partidas de futebol, em específico, brigas entre jogadores foram significadas por eles como efeitos da falta de respeito, agressividade excessiva, deboche ou ainda do uso de jogadas lidas como humilhantes e vexatórias. Num contexto em que atitudes violentas entre os rapazes são tidas como elemento distintivo das masculinidades no futebol, a competência em “meter uma caneta ou um chapéu” no adversário se constitui como algo ainda mais eminente, mesmo que, em resposta, o autor da jogada humilhante se coloque na condição de sujeito passível de sofrer no corpo as consequências da afronta que causou.

Palavras-chave: Futebol; Honra; Humilhação; Masculinidades e Performance.

4.2.2 INTRODUÇÃO

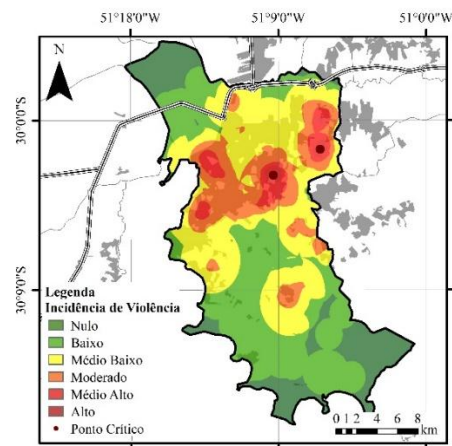
Narrada como uma comunidade com alto índice de violência e criminalidade, o Bairro Bom Jesus tem sido território de disputa por facções criminosas que buscam o comando do tráfico de drogas em Porto Alegre e região.

O bairro de construções residenciais possui uma infraestrutura precária, com saneamento básico insuficiente para toda a população, bem como insuficiência de investimentos em saúde e assistência social (Borges, 2023). A comunidade conta ainda com poucas escolas, sendo duas estaduais e duas municipais, para atender o grande número de crianças e adolescentes do bairro (Borges, 2023). Também possui uma infraestrutura mínima em relação a espaços de lazer para atender tanto esses jovens quanto adultos em momentos de lazer, ou seja, não atende à população no que tange a atividades de lazer (Borges, 2023).

Berço da facção “bala na cara”, o bairro Bom Jesus tem sofrido com toques de recolher e ações como interrupção de serviços de escolas, postos de saúde e comércio. Ainda que sobre Bom Jesus, um conjunto de outras histórias sejam possíveis, olhar para as narrativas de violência se torna algo importante para um grupo de pesquisa que investiga relações de gênero em contextos de altos índices de violência vivida por mulheres.

De acordo com o Mapa de incidência de denúncia de violência vivida por mulheres de Porto Alegre, produzido pelo Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero, Educação e Violência, o bairro Bom Jesus é apontado como zona crítica de violência contra as mulheres.

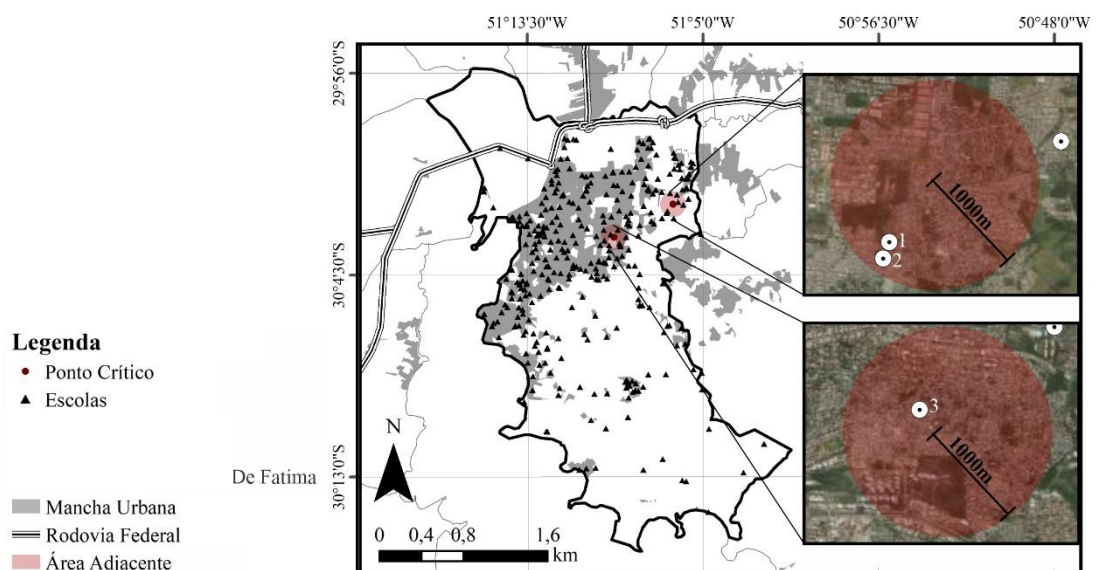
Mapa 1 – Mapa de incidência de denúncia de violência vivida por mulheres de Porto Alegre.



Fonte: Produzido pelo projeto de pesquisa “Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer”.

Com interesse em investigar as relações de gênero entre garotos no esporte, foram localizadas escolas que se situam nas imediações das zonas críticas de denúncias de violência vivida por mulheres. Desse processo, foram identificadas duas escolas públicas localizadas, uma, no Bairro Bom Jesus, e outra, no Bairro Mario Quintana. Das escolas da Bom Jesus, uma delas, era uma escola de Educação Infantil e a outra de Ensino Fundamental.

Mapa 2: Mapa de localização das escolas.



Fonte: Produzido pelo projeto de pesquisa “Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer”.

Em conversa prévia com a Direção da Escola sobre a possibilidade de desenvolver a pesquisa junto com a instituição, fomos apresentados a um grupo de garotos vinculados a um projeto de futsal do contraturno escolar. As aulas eram desenvolvidas nas segundas e quartas-feiras e acolhia meninos entre 10 e 14 anos, matriculados entre 6º e 9º ano do Ensino Fundamental. Durante o processo de acompanhamento, realizamos a observação participante, percebendo o futebol como elemento constituidor das masculinidades naquele contexto e, também, como balizador de conflitos, brigas e violências entre os rapazes.

Como um desdobramento de um projeto de pesquisa mais amplo que tematiza a “Violência contra as mulheres e seus atravessamentos nas práticas corporais e de lazer”, a especificidade desta pesquisa centrou-se na articulação entre masculinidades e práticas conflitivas no futebol. Dito, reiteradamente, como elemento constitutivo da cultura brasileira e em específico das masculinidades heteronormativas, fomos percebendo que acompanhar os garotos do contraturno escolar poderia nos fornecer pistas sobre o que significa ser homem num contexto de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar. Ser um garoto e permanecer num coletivo de rapazes que se reúnem para jogar futsal duas vezes por semana numa região periférica e de vulnerabilidade social parecia ser indicativo de apropriação de uma pragmática masculina, heterociscentrada que pudesse nos ajudar a compreender as relações de gênero entre homens em contextos esportivos e territoriais tão peculiares.

Nesse sentido, este artigo objetiva analisar dinâmicas conflitivas empreendidas por um grupo de garotos que jogam futsal no contraturno escolar em uma escola localizada em uma região de alto índice de violência vivida por mulheres.

4.2.3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste texto, gênero é entendido como uma importante arquitetura sociocultural e linguística que produz a realidade por meio de diferentes práticas e instâncias sociais. Ao forjar normas sociais por meio de distintos mecanismos, Gênero produz a inteligibilidade das diferenças corporais, institui a divisão sexual do trabalho e organiza os sujeitos nos espaços e práticas. É, portanto, nas dinâmicas

de gênero que feminilidades, transidentidade, não binariedade e masculinidades são forjadas por meio de um imbricado processo que envolve representações, identidades e diferenças (Louro, Meyer e Silva, 2007).

Nas tramas do conceito de gênero e nas especificidades desta investigação, masculinidade é tomada como uma importante categoria para compreender as dinâmicas sociais estabelecidas entre os garotos que jogam futsal no contraturno escolar.

Enquanto uma categoria que nos ajuda a compreender as relações de homens com outros homens, masculinidade coloca em evidência moralidades, virilidades, discriminações e desigualdades que forjam hierarquias entre os homens em contextos sócio-históricos específicos (Connell, 1995). Em meio às práticas esportivas, por exemplo, o desempenho técnico e tático são parâmetros associados às relações de poder de gênero, uma condição que evidencia constantes provas e ininterruptas validações entre rapazes e homens. Virilidade, bravura e honradez são outros atributos que, em certas circunstâncias, produzem posturas conflitivas ou violentas como recursos capazes de assegurar o reconhecimento social do sujeito enquanto homem (Souza, 2005). Em meio aos processos de masculinidade que desencadeiam os conflitos entre esses meninos, são potencializadas, portanto, noções de virilidade e destemor (Connell, 1995).

4.2.4 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos deste artigo partem dos processos de georreferenciamento que apontam as regiões com altos índices de denúncia de violências vividas por mulheres no município de Porto Alegre, bem como as escolas públicas municipais localizadas nas imediações.

O mapeamento indicou 3 escolas de um bairro da região da zona leste da cidade de Porto Alegre, uma localidade com características residenciais de infraestrutura precária pelo baixo investimento do poder público (Borges, 2023; Brusius, 2012). De acordo com Borges (2023), o saneamento básico não atende a todas as localidades do bairro, que, em algumas áreas, apresenta esgoto a céu aberto, falta de água encanada e pavimento nas ruas. Nesse bairro há poucos espaços e equipamentos de áreas de lazer, se comparado com outras regiões da cidade. De modo semelhante, o bairro conta com pouquíssima infraestrutura para

atender a sua população, com apenas um posto de saúde de média complexidade e poucas escolas para atender o grande número de crianças (Borges, 2023).

Das três escolas indicadas pelos mapas, elegemos uma em especial em decorrência de uma maior facilidade de acesso à equipe diretiva. Das negociações iniciais para o desenvolvimento da pesquisa, fomos informados pela instituição acerca de um grupo de garotos que jogavam futsal no contraturno escolar. As aulas ocorriam nas segundas e nas quartas-feiras e eram destinadas a meninos entre 10 e 14 anos, matriculados entre 6º e 9º ano do Ensino Fundamental.

Assim, entre os meses de setembro e novembro de 2023, foram realizadas observações participantes durante as atividades de futsal. Essa estratégia de produção de dados foi fundamental para produzirmos o material que serviria de base para as discussões do grupo focal, que aconteceu no final de novembro de 2023. O grupo focal, que foi inteiramente gravado por vídeo e posteriormente transcrito, foi analisado a partir dos pressupostos de Yin (2016) que propõe cinco fases analíticas para a pesquisa qualitativa. No primeiro ciclo: a compilação dos dados obtidos nas entrevistas. No segundo ciclo, a decomposição dos dados obtidos. No terceiro ciclo: recomposição desses dados. No quarto ciclo, interpretação dos dados. No quinto e último ciclo, a conclusão concernente aos dados obtidos (Yin, 2016).

A fim de preservarmos as identidades dos discentes participantes da pesquisa, seus nomes foram substituídos por nomes de jogadores dos times do Grêmio e do Internacional que disputaram a temporada de 2002. Todo o processo da pesquisa obedeceu aos parâmetros éticos das pesquisas com seres humanos de acordo com a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 que estabelece normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Brasil, 2016)¹³.

4.2.5 O contexto geral das partidas de futsal: Entre xingamentos e brigas, a fruição do jogo

¹³ A pesquisa teve seus procedimentos aprovados junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande Sul (sob o número 67399723.2.0000.5347), da Secretaria de Educação do Município de Porto Alegre e teve autorização institucional da Escola Municipal parceira. As crianças expressaram seu consentimento por meio de assinatura dos Termos de Consentimentos Livre e Informados e seus responsáveis manifestaram anuência da participação de seus filhos por meio da assinatura do Termo de Anuência.

Os alunos que participaram do grupo focal têm idade entre 11 e 14 anos. As atividades extraclasse, realizadas no contraturno escolar, ocorriam na quadra coberta da escola, com a presença de aproximadamente 25 alunos a cada jogo.

Os alunos residem em uma região periférica da cidade. Vivendo sob condições precárias, esses alunos têm a escola como um espaço onde podem suprir necessidades existenciais básicas (Borges, 2023).

Eles se subdividem em diferentes grupos, ligados por afinidades ou questões geográficas, na medida em que, embora morem no mesmo bairro, uns moram próximo à escola, outros, não, ou como eles relatam, moram em “bocas”¹⁴ diferentes, vivenciando situações e rivalidades ligadas ao tráfico de drogas, processo que está intrinsecamente ligado às questões de violência e conflitualidade existentes naquela região (Da Fonseca, et al. 2010).

Durante os jogos, as diferenças/rivalidades entre eles ocasionaram divididas intensas que resultaram em faltas e atritos acompanhados de xingamentos que envolviam ofensas às famílias (principalmente direcionados às mães) e ofensas homofóbicas, colocando em xeque a orientação sexual do agredido.

Após uma dividida mais forte, o “Fabiano” que cometeu uma falta, chegou próximo a “Nilmar”, que estava no chão, e começou a gritar “levanta viado, futebol é jogo pra homem e não pra viado”! O aluno que estava no chão começou a revidar, dizendo “vai te fuder seu arrombado e vai tomar no cú”.

Em vista de uma reafirmação das masculinidades, verbalizações e atitudes violentas, variando entre chacotas homofóbicas e pejorativas, muitas direcionadas à família, foram recorrentes no ambiente escolar (Anacleto, 2023). Aliado a isso, uma virilidade aflorada ficou evidente durante os jogos, na medida em que esses alunos visavam mostrar quem era mais viril, por meio de divididas agressivas e xingamentos provocativos, como “Vai tomar no cú”, “Vai te foder”, “Chupa caralho”. Essas atitudes se mostram repetitivas e até incentivadas por eles.

De acordo com Guerra et al. (2014), esses movimentos viris estão interligados aos atributos de um homem na sociedade, onde esse homem deve demonstrar coragem, virilidade e senso de justiça.

Nesse contexto, os meninos acabam realizando ações que corroboram essas construções socioculturais, ligadas a dois aspectos: às figuras de linguagem

¹⁴ Local de venda de drogas, comumente utilizado para identificar pessoas de uma região e para demarcar até onde essas pessoas podem ir.

negativas e às figuras de linguagem positivas. As negativas se referem àquelas características em que um “verdadeiro” homem não deveria apresentar, tais como: homem não chora, não mostra seus sentimentos, não pode ser fraco ou covarde. As positivas, por sua vez, tratam das posturas tipicamente masculinas e sempre presentes: o homem deve ser corajoso, forte, provedor, viril, agressivo, dentre outras (Guerra et al., 2014).

Os jogos também são tomados de provocações durante as comemorações de gols e boas jogadas, algumas fazendo referência a clubes, outras, homofóbicas, como “Pega Puto” ou “Pega Caralho”, “Ado-ado-ado, colorado viado”, como questões provocativas. Houve ainda uma situação bem específica entre o “Elton” e o “Júnior Baiano”, de xingamentos por “Elton”, direcionados ao “Júnior Baiano”, como “Boiola”, “Chifrudo” e “Filho da Puta”, incitando ações violentas, rasteiras e chutes nas pernas.

Oransky e Fisher (2009) propõem uma medida das concepções de masculinidade mediante quatro dimensões embasadas numa concepção tradicional das relações de gênero: 1) esforço constante, que se refere ao esforço constante para parecer forte e confiante em público; 2) restrição emocional, referente à perspectiva de que, para afirmar sua masculinidade, os homens não devem mostrar as suas emoções para os outros, ocultando-as e mantendo-se emocionalmente invulneráveis; 3) heterossexismo, que sugere que a masculinidade se determina em oposição à feminilidade e à homossexualidade, assim, os homens não apresentam comportamentos e atitudes tachados “femininos” ou “gays”; e 4) provocação social, a qual suscita a hipótese de que, para assegurar a masculinidade, os homens não devem fazer brincadeiras e piadas com seus amigos, “implicando” ou “zoando” com eles e serem capazes de tolerar essas provocações, quando direcionadas a eles próprios.

Nesse jogo de masculinidades, há um total descaso com a autoridade da professora. Seus comandos, como substituição de jogadores durante a partida, causavam xingamentos, como o ocorrido entre “Tinga” e “Fabiano”: “vai se fuder, seu filho da puta, quem manda aqui sou eu, e faço o que eu quero” (Tinga); “tu é um bosta e não manda nada e vou jogar sim” (Fabiano).

Essas atitudes solidificam-se na máxima de que homem deve ser a pessoa a ser seguida ou exemplificada, pois, se o homem não partilhar desse papel, a sua masculinidade está em risco, e disso percebemos uma relação negativa entre a provocação social e a construção de desejabilidade social, apontando que esta é

inversamente implicada à tendência a respostas de modo socialmente desejáveis (Guerra et al., 2014). Assim, as ideias de masculinidade imbricam-se, em teoria, à reputação do homem em seus relacionamentos com outras pessoas e àquilo que os sujeitos preconizam como norteadores em suas vidas.

A fim de compreendermos as diferentes ideias de masculinidade, é necessário percebermos as relações que essas estabelecem entre a preocupação com a honra e os valores humanos (Guerra et al., 2014).

Esses meninos são habilidosos, eles desenvolvem o jogo de uma maneira única, pois têm um alto controle de seus movimentos durante a partida, efetuando dribles, mudanças de percurso com uma desenvoltura impressionante, ainda mais considerando-se a idade média deles, que é de 11 a 14 anos. Esses movimentos mais elaborados são característicos de meninos mais velhos, pois têm motricidade desenvolvida, mostrando que eles têm vivência no esporte, tanto no ambiente escolar quanto em outros espaços, onde a técnica vem sendo aprimorada, proporcionando lances de efeito e de alto grau de beleza.

4.2.6 A humilhação por meio da performance e as brigas como mecanismo de manutenção de honra manchada pela humilhação pública

Que nem o time do Van Dijk, quando jogou contra o Messi, né? O time do Messi fez gol, comemorou lá na torcida, [...]. Aí o cara da Argentina começou a debochar, e aí o Van Dijk, chegou no cara da Argentina e começaram a se empurrar e se estranhar e aí depois começaram a se embolar (Nilmar).

O depoimento acima emerge no grupo focal após a apresentação de uma imagem em que os jogadores Paulo Miranda, ex-zagueiro do Grêmio, e Moisés, ex-lateral esquerdo do Inter são fotografados protagonizando uma briga durante o clássico Gre-nal¹⁵ de 12 de março de 2020. A partida que compunha a tabela de jogos da Copa Libertadores da América foi marcada pela tensão entre os jogadores,

¹⁵ Clássico disputado entre as agremiações Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense e Sport Club Internacional.

e a briga entre os atletas passou a circular em meio as muitas histórias contadas pelos torcedores do Inter e Grêmio.

No momento do grupo focal em que os garotos viram a imagem, a sala, de súbito, foi tomada por um grito de torcida. Como mediador do grupo focal e torcedor que assistiu ao jogo e à briga, em loco, na Arena do Grêmio, senti-me reportado para as arquibancadas daquela partida. Os garotos vibravam como se comemorassem um gol em final de campeonato, indicando que a estética da violência entre homens no contexto do futebol parecia mobilizar as dinâmicas de masculinidade daqueles meninos que se encontravam para jogar futsal no contraturno escolar. As discussões no grupo focal, por alguns minutos, foram suspensas, afinal, apesar da experiência de seis anos como professor de Educação Física da Educação Básica, não foi fácil conduzi-los de volta às cadeiras em que estavam sentados (DC. Nº10. 27/11/2023).

Desde a imagem da briga projetada na parede, passei a questionar os motivos que teriam provocado o conflito entre os jogadores. Em resposta, os garotos começaram a enumerar diversas situações, tais como a rivalidade, o nervosismo ou, como elenca o “Danlei”, “a briga começa normalmente com o time que está perdendo”, ou ainda segundo “Clemer”, “eles ficam debochando por causa do placar do jogo”. Uma outra condição indicada pelos garotos como possível disparador daquela briga foi atribuída a lances de habilidade, como relata o “Nilmar”: “o cara pegou, deu canetinha no outro e aí começaram a se bater”. Esse relato sinalizou uma condição muito peculiar e não imaginada como resposta possível: os lances de habilidade como canetas¹⁶, chapeuzinhos¹⁷ e elásticos¹⁸, ao produzirem como efeito a chacota e zombaria, parecem incidir sobre a honra. Nesse sentido, fomos percebendo que ser autor ou alvo das jogadas humilhantes se torna algo que importa nos agenciamentos das dinâmicas de masculinidade no futebol.

Ao longo do período de observações, esses lances eram performados pelos meninos para desafiar e insultar os adversários, bem como colocar em xeque a reputação daqueles que sofreram o passe por entre as pernas ou foram encobertos pelo toque de bola por cima da cabeça.

¹⁶ Movimento de passar a bola no meio das pernas do adversário de forma rápida, com a finalidade de se desmarcar e prosseguir a jogada.

¹⁷ Jogada de efeito, onde o jogador faz um movimento de levantar a bola e faz passar por cima da cabeça do adversário e assim dando prosseguimento à jogada.

¹⁸ É um movimento rápido que o jogador faz com a perna, em que ele conduz a bola rente ao seu pé, levando a bola de um lado para outro e enganando o seu adversário e dando seguimento à jogada.

Sobre essa temática, “Clemer” começou a relatar uma situação que vivenciou em um campeonato. Durante as partidas, sinalizou que recebia leves chutes de um de seus adversários como estratégia de provocação. Segundo o garoto, para não revidar e sofrer as sanções das regras do esporte adotou como recurso o uso de suas habilidades técnicas para afrontá-los. Segundo a história narrada e, cabe ressaltar, não contestada pelos demais integrantes do grupo focal, o garoto teria “dado três canetas” em sequência, o que teria gerado como resposta uma ação violenta por parte do adversário.

- [Apanhei] porque dei três canetinhas no cara.
- 3 canetinhas? Então tu humilhou o cara!
- Ó, vai saber.

Na sequência, o garoto segue narrando a história:

“Era campeonato [...] no colégio sexta-feira, daí nós estávamos jogando e ele [...] começou a gritar [porque tinha levado uma caneta], ficou muito bravo e aí ele veio, eu dei outra caneta, aí ele ficou mais bravo ainda [...] aí ele veio e dei outra caneta nele. Daí ele me deu um rapão”¹⁹.

Os lances de habilidade também foram narrados por outros participantes do grupo focal como possibilidade de revide às manifestações de desrespeito praticadas pelos adversários nas partidas de futebol/futsal. Segundo “Mauro Galvão”, “o guri estava me chutando durante todo jogo, fui lá e dei um chapéu nele e ele agarrou o meu pescoço para não completar o chapéu”, demonstrando que muitas vezes preferem os lances de habilidade para confrontar seus adversários, mesmo que saiam machucados desse confronto. Em uma outra passagem, o mesmo “Clemer”, com ar de soberba relatou outra história envolvendo suas habilidades no futebol:

¹⁹ “Rapão” é um tipo de rasteira, que é praticada com maior velocidade e intensidade.

Eu deixei um Chapeuzinho nele. Daí todo mundo começou a debochar dele. A torcida começou a rir. Aí ele me deu um rapão, foi aí que eu machuquei o braço todo, porque eu estava jogando sem camisa.

A capacidade de performar com efetividade as canetas e chapéus e elásticos ajudam a construir uma espécie de distinção e hierarquização entre as masculinidades que jogam futsal naquele contexto. Assim, inúmeros foram os casos de canetas e chapéus contados pelos alunos e, durante o grupo focal, fomos convocados a olhar as cicatrizes em seus braços e pernas ostentadas como testemunhas da humilhação empreendida por eles.

Amplamente reconhecido como uma prática humilhante, tanto as canetas como os chapéus e os elásticos são permitidos no futebol e futsal. Entretanto, nas dinâmicas de masculinidade daquela comunidade, a sensação de ter sido humilhado em público parece colocar como obrigação algum tipo de revide, uma resposta viril capaz de restabelecer a honra manchada pela humilhação sofrida.

De acordo com Díaz-Benítez (2019, p. 53), a humilhação pode ser um ato e simultaneamente um sentimento “que se desdobra em e se constitui por meio de outros múltiplos atos e emoções”, ocasionando o revide, que acontece na forma de uma prática violenta, mediante “rapões” e “rasteiras” executadas por aqueles meninos que estavam se sentindo incomodados com as jogadas de habilidade.

Inequivocadamente, dar uma caneta ou um chapéu coloca a honra masculina em questão e a violência acionada como resultado parece se constituir como razoável e legítima, afinal, no esporte são toleradas posturas combativas praticadas em nome de demonstrações de competitividade e de desempenho naquele contexto (Bresque, p. 62, 2020).

Cabe ressaltar que apesar de se colocarem como sujeitos alvos de ações violentas, evidenciando as marcas de verdade acerca da violência sofrida, os relatos dos garotos sobre os “rapões”, enforcamentos ou “rasteiras” não parecem modos de reclamação ou manifestação de descontentamento. Ao contrário. Dizer do golpe que sofreu e comprová-lo por meio das cicatrizes no corpo serve como comprovação de habilidade extrema. O revide, portanto, torna-se uma prática que atesta a humilhação sofrida e, quanto mais voraz o golpe e mais bem executado o lance, maior a vergonha sofrida. Assim, ao se dizerem vítimas de uma prática violenta, os

alunos se colocam numa condição distinta de masculinidade, por serem capazes de performar uma técnica complexa e que envolve muita habilidade no futebol.

Ainda que o debate tenha sido conduzido pelos conflitos e brigas nos jogos, relatos de brigas e agressões físicas entre os garotos foram relatados em diversos momentos. Os motivos capazes de desencadear tais conflitos são diversos: a ofensa à honra da mãe, a proteção de sujeitos mais jovens ou indefesos ou ainda a talaricagem – termo amplamente utilizado por aqueles garotos para nomear outros rapazes que se envolvem com a namorada alheia. Apesar de capazes de narrar inúmeras situações como as descritas acima, a única situação em que os alunos do futsal do contraturno escolar admitiram “levar pior” em uma situação de briga, foi aquela cuja performance dos lances de habilidade desconsertaram o adversário, forçando-os a uma resposta viril e violenta.

Entre o que é evidenciado e o que é ocultado das brigas entre os garotos no futebol, os colaboradores do estudo deram importantes pistas para entender as dinâmicas de gênero e a produção de hierarquias entre os homens daquela comunidade no esporte. Nesse sentido, se é possível compreendermos que a violência é um elemento constitutivo das masculinidades heterocentradas (Souza, 2005, Cechetto, 2004) nas dinâmicas empreendidas por aqueles garotos, em algumas situações no esporte, essa violência pode não ser lida como valentia e determinação, mas como falta de hombridade e nobreza. Foi possível perceber ainda que a situação daquele que se vê humilhado por uma “caneta” envolve certa complexidade e possibilidades de ação limitadas naquele contexto. Se revidar com violência não se constitui como algo honroso, não revidar parece uma atitude ainda pior. Nesse processo, quando os lances de habilidade entram em cena numa partida de futebol, para aqueles garotos parece não existir uma variação muito grande entre a questão da habilidade e da violência.

4.2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A honra masculina, ao longo da pesquisa, tornou-se uma questão importante para a compreensão das dinâmicas conflitivas empreendidas por rapazes que jogam futsal. Em diversos momentos, os garotos mencionaram situações em que a ironia, o deboche e a zombaria se mostraram como atitudes arbitrárias e problemáticas, portanto legítimas de serem repreendidas. Nas partidas de futebol, em específico, brigas entre jogadores foram significadas por eles como efeitos da falta de respeito,

agressividade excessiva, deboche ou ainda do uso de jogadas lidas como humilhantes e vexatórias.

Em torno das “canetinhas”, “chapéus” e “elásticos” se constituíam um sentimento de adoração, e sua performance com destreza rendeu várias histórias sobre feitos incríveis e seus desdobramentos em brigas, desacatos e cicatrizes.

Invariavelmente, as histórias de humilhação narradas tiveram os próprios alunos como protagonistas da ofensa e, do mesmo modo, alvo do revide desferido pelo adversário humilhado. Assim, em meio às situações em que os lances de habilidade foram acionados pelos garotos, a violência contra seus corpos passou a ser narrada como algo esperado e até mesmo tolerado, como se um certo acordo fosse estabelecido entre os homens que compuseram aquelas cenas. A honra, portanto, constitui-se como um argumento que legitima as dinâmicas conflitivas compreendidas por eles, bem como as situações de violência que vivem no futebol.

Num contexto em que as atitudes violentas entre os rapazes são tidas como elemento distintivo das masculinidades no futebol, a competência em “meter uma caneta ou um chapéu” no adversário constitui-se como algo ainda mais eminente, mesmo que, em resposta, o autor da jogada humilhante se coloque na condição de sujeito passível de sofrer no corpo as consequências da afronta que causou.

4.2.8 REFERÊNCIAS

ANACLETO, Marta Teixeira. Conflito e Conflitualidades. **Biblos**, n. 9, p. 11-19, 2023.

BORGES, Sherlen Cibely Rodrigues. Evidências de racismo institucional em um bairro negro: o caso do bairro Bom Jesus em Porto Alegre/RS. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Diário Oficial da União [Internet], 2016.

BRESQUE, Gabriel Alves. **Virilidade e produto midiático: o Grenal como diferenciador do futebol gaúcho**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

BRUSIUS, Analice. Adolescência e justiça: um estudo sobre a implementação da Justiça Juvenil Restaurativa na Comunidade e sua relação com a comunidade do bairro Bom Jesus. 2012.

CECCHETTO Fátima Regina. Violência e estilos de masculinidade Ed. FGV, Rio de Janeiro. 2004.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, 20 (2), 185-206. 1995.

DA FONSECA, Dirce Mendes et al. Escola, conflitualidade e violência. **Universitas Humanas**, v. 7, n. 1, 2010.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. 2019. “O Gênero da Humilhação: afetos, relações e complexos emocionais”. *Horizontes Antropológicos*, v. 25 (54).

Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Araújo, R. C. R., Andrade, J. M., & Gaudêncio, C. A. (2013). Honor Scale: Evidences on construct validity. *Journal of Applied Social Psychology*, 43(6), 1273-1280.

ORANSKY, Matthew; FISHER, Celia. The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 10, n. 1, p. 57, 2009.

SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: relações e tensões. **Revista Educação em Questão**, v. 59, n. 59, 2021.

SOUZA, E. R. DE. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 59–70, jan. 2005.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi abordar, nos contextos da vivência do futebol, dinâmicas de masculinidades, acionadas e produzidas, por um grupo de meninos matriculados em uma escola situada em uma região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS).

Ao compreendermos como as mulheres de vínculo próximo a esses garotos são descritas no contexto do futebol, começamos entender como os meninos enxergam as mulheres em seu entorno e de que maneira eles se relacionam com elas.

Os encontros com os garotos que participam do futsal do contraturno escolar permitiram compreender algumas dinâmicas de masculinidade em contextos de alto índice de denúncia de violência praticadas contra as mulheres. Especificamente, o material empírico produzido em conjunto com os meninos colocou em evidência os modos como concebem suas relações com as mulheres com quem convivem.

Ironicamente, em uma das regiões de maior incidência de violência doméstica e familiar do município, os alunos parecem fazer circular um pacto de proteção das mulheres, entendidas por eles como frágeis e carentes de tutela. Em torno da máxima “em mulher não se bate” são construídas representações de honra, retidão de caráter e justiça, elementos distintivos das masculinidades heterocentradas naquele contexto. Em contrapartida, ser agressor de mulheres é entendido como característica de um sujeito covarde.

De acordo com os alunos, a defesa das mulheres se estende também à defesa da honra feminina, com ênfase às suas mães e irmãs. As violações destinadas a elas se constituíram ao longo do período de observações como autorização para que o conflito físico entre os rapazes acontecesse. Cabe ressaltar que as ofensas, mesmo as homofóbicas, destinadas aos próprios garotos e aos demais homens de suas famílias, quando não foram desconsideradas, receberam menos importância dos ofendidos do que aquelas destinadas a suas mães.

Os alunos daquela escola entendem que as mulheres, notadamente as que os cercam, devem ser defendidas. Todavia, essa proteção não é incondicional. Enquanto sujeitos que se reconhecem como homens, aqueles garotos exercem seus privilégios de julgamento das condutas femininas. Desse modo, a boa conduta das mulheres implicaria o merecimento de cuidado e de proteção, assim como a inadvertência dos modos de ser e se portar poderia colocá-las à mercê de abusos e/ou violências.

Ao analisar de que modo a honra masculina é tensionada, negociada e defendida nos contextos conflituos de gênero e compreender como as masculinidades não heterocentradas são colocadas em circulação no contexto do futebol e com qual finalidade, percebemos diversos contextos, em que podemos entender de que forma esses meninos se portam perante as dinâmicas de honra, humilhação e performance.

A honra masculina, ao longo da pesquisa, tornou-se uma questão importante para a compreensão das dinâmicas conflituas empreendidas por rapazes que jogam futsal. Em diversos momentos, os garotos mencionaram situações em que a ironia, o deboche e a zombaria se mostraram como atitudes arbitrarias e problemáticas, portanto, legítimas de serem repreendidas. Nas partidas de futebol, em específico, brigas entre jogadores foram significadas por eles como efeitos da falta de respeito,

agressividade excessiva, deboche ou ainda do uso de jogadas lidas como humilhantes e vexatórias.

Em torno das “canetinhas”, “chapéus” e “elásticos” se constituíam um sentimento de adoração, e sua performance com destreza rendeu várias histórias sobre feitos incríveis e seus desdobramentos em brigas, desacatos e cicatrizes.

Invariavelmente, as histórias de humilhação narradas tiveram os próprios alunos como protagonistas da ofensa e, do mesmo modo, tornaram-se alvo do revide desferido pelo adversário humilhado. Assim, em meio às situações em que os lances de habilidade foram acionados pelos garotos, a violência contra seus corpos passou a ser narrada como algo esperado e até mesmo tolerado, como se certo acordo fosse estabelecido entre os homens que compuseram aquelas cenas. A honra, portanto, se constitui como um argumento que legitima as dinâmicas conflitivas empreendidas por eles, bem como as situações de violência que vive no futebol.

Num contexto em que as atitudes violentas entre os rapazes é tida como elemento distintivo das masculinidades no futebol, a competência em “meter uma caneta, ou um chapéu” no adversário, constitui-se como algo ainda mais eminente, mesmo que em resposta, o autor da jogada humilhante se coloque na condição de sujeito passível de sofrer no corpo as conseqüências da afronta que causou.

Ao analisarmos os dados obtidos, podemos compreender que a honra desses meninos é um elemento central, que de maneira alguma ela pode ser tensionada, devendo ser preservada, mesmo que dependa de elementos escusos para a manutenção dela. Essa preservação se alimenta de questões pejorativas para essa construção, quando essa situação é tensionada em relação a outros meninos dentro da prática esportiva, há movimento partindo para a humilhação, por meio da performance, ou até mesmo para a violência. Essa violência também é trabalhada nos momentos em que as mulheres que lhe cercam não reproduzem os elementos da honradez cultuados por esses meninos, proporcionando o desenvolvimento dos atos violentos.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale. Senhores de si: uma interpretação antropológica. **Ed. Fim de Século, 2ª Ed. Lisboa, 1995.**

ANACLETO, Marta Teixeira. Conflito e Conflitualidades. **Biblos**, n. 9, p. 11-19, 2023.

BADINTER, Elisabeth. XY: Sobre a identidade masculina. 2ª. **Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.**

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio.** 2017.

BORGES, Sherlen Cibely Rodrigues. Evidências de racismo institucional em um bairro negro: o caso do bairro Bom Jesus em Porto Alegre/RS. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.**

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Diário Oficial da União [Internet], 2016.

BRESQUE, Gabriel Alves. **Virilidade e produto midiático: o Grenal como diferenciador do futebol gaúcho.** 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 27, n. 02, p. 235-246, 2013.

BRUSIUS, Analice. Adolescência e justiça: um estudo sobre a implementação da Justiça Juvenil Restaurativa na Comunidade e sua relação com a comunidade do bairro Bom Jesus. 2012.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade [“Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity”]. **Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.**

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, p. 249-274, 2014.

CAMARGO, Wagner Xavier. “Entre o óbvio e o escamoteado: o futebol (masculino) em tempos de copa”. **Novos Debates – fórum de debates em Antropologia**, Brasília, v. 1, p. 99 – 109, 2014.

CARDANO, Mario. Manual de pesquisa qualitativa. **A contribuição da teoria da argumentação**. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, Rio de Janeiro: **Vozes**, 2017.

CAVALEIRO, Maria Cristina et al. Chutar é preciso? Masculinidades e educação física escolar. **Knjnik JD, Zuzzi RP, organizadores. Meninas e meninos na educação física: gênero e corporeidade no século XXI**. Jundiaí: Fontoura, p. 137-54, 2010.

CECCHETTO Fátima Regina. Violência e estilos de masculinidade Ed. FGV, Rio de Janeiro. 2004.

CERQUEIRA, Daniel, et al. Futebol e violência contra a mulher [livro eletrônico] / coordenação Daniel Cerqueira. - **1. ed. -- São Paulo : Fórum Brasileiro de Segurança Pública : Instituto Avon**, 2022. PDF.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História. Um diálogo possível? **Revista Contexto & Educação**, v. 19, n. 71-72, p. 29-43, 2004.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, 20 (2), 185-206. 1995.

CONNELL, Raewyn W. Educando a los muchachos: nuevas investigaciones sobre masculinidad y estrategias de género para las escuelas. **Nómadas (Col)**, n. 14, p. 156-171, 2001.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn. Gênero em termos reais. **São Paulo: nVersos**, p. 1, 2016.

COSTA, Lúcia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso. Ideologias de gênero e sexualidade: a interface entre a educação familiar e a formação profissional de enfermeiras. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 22, p. 485-492, 2009.

COUTO, Maria Aparecida Souza et al. Violências e gênero no cotidiano escolar: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual sergipana. 2008.

COUTO, Maria Aparecida Souza. Masculinidades e Feminilidades: A construção de si no contexto escolar. **Revista Aurora**, v. 4, n. 1, 2010.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. **Enfoques**, v. 9, n. 1, 2010.

DA FONSECA, Dirce Mendes et al. Escola, conflitualidade e violência. **Universitas Humanas**, v. 7, n. 1, 2010.

DA SILVA SOARES, Alessandro; ALMEIDA, Marco Bettine. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, v. 18, n. 1, p. 301-321, 2012.

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. Discursos sobre a masculinidade. **Estudos Feministas**, p. 91-112, 1998.

DE PAULA, Raí Carlos Marques; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.

DE SOUZA SILVA, João Roberto; DE ASSIS, Silvana Maria Blascovi. Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. **Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 10, n. 1, 2010.

DEVIDE, Fabiano Pries; DE BRITO, Leandro Teofilo. **Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte**. nVersos, 2021.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. 2019. "O Gênero da Humilhação: afetos, relações e complexos emocionais". *Horizontes Antropológicos*, v. 25 (54).

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. Discursos sobre fragilidade feminina: educação da mulher no Brasil colônia. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 19, n. 2, 2012.

EISNER, Elliot W. *El ojo ilustrado: indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa*. Barcelona: Paidós, 1998.

FONSECA, Ana João Mexia Sepulveda da. **A identidade masculina segundo Robert Bly: o paradoxo entre o real e o imaginado**. 1998. 137 f. 1998. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos). Universidade Aberta, Lisboa.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

FORMIGA, Nilton S.; GOLVEIA, Valdiney V.; SANTOS, Maria Neusa dos. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia em estudo**, v. 7, p. 103-111, 2002.

FORMIGA, Nilton S. Valores humanos e sexismo ambivalente. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 19, p. 381-396, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1999.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Guerra, V. M., Gouveia, V. V., Araújo, R. C. R., Andrade, J. M., & Gaudêncio, C. A. (2013). Honor Scale: Evidences on construct validity. *Journal of Applied Social Psychology*, 43(6), 1273-1280.

GUMS, Elyson Richard. Produção de sentido de fãs de futebol sobre masculinidades na fanpage cenas lamentáveis. 2020.

GUMS, Elyson; HANSEN, Fábio. Masculinidades, elitização e resistência: discursos sobre o futebol moderno na fanpage Cenas lamentáveis. *Intexto*, n. 55, 2023.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Introdução: ciências sociais e sexualidade. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, p. 7-17, 1999.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev Esc Enf USP*, v. 35, n. 2. 2001.

JUNIOR, Paulo Melgaço Silva; CAETANO, Márcio Rodrigo Vale. Entre cotidiano escolar e vivências: masculinidades em escolas de periferias. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, v. 2, n. 1, p. 24-34, 2018.

KAWAMOTO, Marcia Tiemi. Análise de técnicas de distribuição espacial com padrões pontuais e aplicação a dados de acidentes de trânsito e a dados da dengue de Rio Claro-SP. 2012. 53 f. Dissertação (mestrado) - **Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Botucatu**, 2012.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, v. 4, p. 103-117, 1998.

LAQUEUR, Thomas; WHATELY, V. Inventando o sexo. **Rio de Janeiro: Relume Dumará**, 2001.

LIMA, Renato Martins; MOTTA, Roberta Fin. "HOMEM QUE BATE EM MULHER, COVARDE É": A CORAGEM COMO VIRTUDE DE PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO. **Contradição-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 1, 2020.

LOURO, Guacira. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001;

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. **5. ed. Petrópolis, Vozes**, 2003.

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. 2012.

MEDEIROS, Magno. Cidadania, direitos humanos e jornalismo: percalços históricos e violência institucionalizada. **Cidadania Comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Graéfica UFG, 2016**

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. “Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **Galáxia (São Paulo), 2021.**

MEYER, Dagmar G. Escola, currículo e diferença: implicações para a docência. **BARBOSA, RLL Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo, UNESP, p. 257-265, 2003.**

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista brasileira de enfermagem, v. 57, p. 13-18, 2004.**

MEYER, D. E.; SOARES, RFR; INTRODUÇÃO–CORPO, Gênero. Sexualidade nas Práticas Escolares: um início de reflexão. _____. **Corpo, Gênero e Sexualidade, v. 2, 2004.**

MEYER, Dagmar E. E. Corpo, violência e educação. Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED, realizada em Caxambu/MG, no período de 16 a 19 de outubro de 2005).

MEYER, Dagmar E. Estermann et al. " Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de saúde Pública, v. 22, p. 1335-1342, 2006.**

MÓNICO, Lisete et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ 2017, v. 3, 2017.**

MONTEIRO, Simone Souza; VILLELA, Wilza Vieira; SOARES, Priscilla da Silva. É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 24, p. 421-440, 2014.**

MORÉ, Carmen. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. **CIAIQ2015, v. 3, 2015.**

MUSZKAT, Malvina E. **O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo.** Summus Editorial, 2018. 175 p.

ORANSKY, Matthew; FISHER, Celia. The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. **Psychology of Men & Masculinity, v. 10, n. 1, p. 57, 2009.**

OSTROVSKI, Bernardo. **Não é só um jogo: futebol como canal para a violência.** 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PARKER, Richard G. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. In: **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. 1991. p. 295-295.

PAWLOWSKI, Charlotte Skau et al. Children's physical activity behavior during school recess: A pilot study using GPS, accelerometer, participant observation, and go-along interview. **PloS one**, v. 11, n. 2, p. e0148786, 2016.

SAAVEDRA, Luísa. Diversidade na identidade: a escola e as múltiplas formas de ser masculino. **Psicologia, Educação e Cultura**, v. 8, n. 1, p. 103-120, 2004.

SANCHO GIL, Juana Maria. Inovação e investigação educativa: aproximação a uma relação incerta. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; MOLINA NETO, Vicente (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p. 29-43.

SANTOS, Luan Menezes. **"FALE COMO HOMEM!": A MASCULINIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**". 2020.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, 1995.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**, v. 17, p. 335-350, 2005.

SILVA, Lisandra Oliveira e. Produção de conhecimento (e de aprendizagem) entre sujeitos: o desafio da pesquisa. In: MOLINA NETO, Vicente et al. **Quem aprende? Pesquisa e formação em educação física escolar**. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 143-155.

SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: relações e tensões. **Revista Educação em Questão**, v. 59, n. 59, 2021.

SILVA, André Luiz dos Santos; KUNZLER, Rômulo Henrique; PACHECO, Ariane Corrêa. Homofobia e masculinidades na escola: um estudo em uma região de alto índice de denúncias de crimes de "violência doméstica e familiar contra a mulher". **Educações Físicas: temas emergentes para mundos (im)possíveis / Arnaldo Sifuentes Leitão, Mateus Camargo Pereira (Organizadores)** – Curitiba: CRV: 2022. 294 p. (Coleção Temas Emergentes da Educação Física, v. 1).

SILVESTRE, Maria José; FIALHO, Isabel; SARAGOÇA, José. Da palavra à construção de conhecimento. Meta-avaliação de um Guião de Entrevista semi-estruturada. 2014.

SOUZA, E. R. DE. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 59–70, jan. 2005.

TAKAKURA, Sandra Mina. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Equatorial-Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 3, n. 4, p. 97-124, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto NS. Introdução à pesquisa em ciências sociais. **A pesquisa**, p. 133, 1987.

VIGOYA, Mara Viveros. As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. **Rio de Janeiro: Papéis Selvagens**, p. 29-30, 2018.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 460-482, 2001.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, 1999. p. 35- 82.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.

ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Projeto: Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS).

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa citada, cujo objetivo é analisar as dinâmicas de masculinidades, nos contextos da vivência do futebol, de como são acionadas por um grupo de meninos em uma escola situada, em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS). O procedimento adotado nesta pesquisa será utilizado uma Entrevista semiestruturada, com perguntas abertas. Este termo será entregue aos responsáveis dos participantes da pesquisa, para que autorizem a participação dos alunos participantes desta pesquisa. Esta pesquisa apresenta riscos mínimos aos participantes, como constrangimento ou alteração emocional em função do tema abordado e ao compartilhar informações pessoais ou confidenciais, bem como sentir incomodo ao responder sobre determinado tema. A sua participação ajudará no desenvolvimento de novos conhecimentos, que poderão eventualmente beneficiar você e outras pessoas no futuro.

Os seus registros serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados deste estudo poderão ser usados para fins científicos, mas você não será identificado (a) por nome. Sua participação no estudo é voluntária, de forma que, caso você decida não participar, isto não afetará no tratamento normal que você tem direito. Você não terá custo e nem receberá por participar. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação com o pesquisador ou com a instituição.

Caso você tenha dúvidas ou solicite esclarecimentos, entrar em contato com o pesquisador responsável, professor Dr. André Luiz dos Santos Silva, no tel. (51) 99293.1480, ou com mestrando Gilberto Miranda da Silva Júnior no tel. (51) 99104.6623, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, pelo telefone (51) 3308.3738.

Porto Alegre ____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável do participante da pesquisa:

Assinatura do pesquisador responsável:

Observação: O presente documento baseado no item IV das Diretrizes e Normas Regulamentadoras para a pesquisa em saúde, do Conselho Nacional de Saúde (resolução 466/12), será assinado em suas vias, de igual teor, ficando uma via em poder do paciente ou de seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

ANEXO B – TERMO DE ANUÊNCIA (TA)

A pesquisa intitulada as Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS), que tem por objetivo analisar as dinâmicas de masculinidades, nos contextos da vivência do futebol, será acionado por um grupo de meninos em uma escola situada, em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS).

A pesquisa será desenvolvida pelo mestrando Gilberto Miranda da Silva Junior, e orientada pelo Prof. Dr. André Luiz dos Santos Silva. Terão como instrumento para a coleta dos dados a entrevista semiestruturada, em uma escola de uma região com alto índice de violências contras as mulheres em Porto Alegre.

São sujeitos desta pesquisa os alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Essas informações serão fornecidas para subsidiar a autorização voluntária para concretização deste estudo na expectativa de analisar de que modo a honra masculina é tensionada, negociada e defendida nos contextos conflitivos de gênero; compreender como as masculinidades não heterocentradas são colocadas em circulação no contexto do futebol e com qual finalidade; compreender como as mulheres de vínculos próximos a esses garotos são descritas no contexto do futebol. Em qualquer etapa do estudo, vossa senhoria, terá acesso ao investigador para esclarecimentos de eventuais dúvidas, informo assim o contato para esclarecimento, no telefone (51) 99104.6623 ou no e-mail, betomdsj@hotmail.com.

Será garantida aos participantes desta pesquisa a liberdade de retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com todos os sujeitos da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também o direito a todos os participantes de serem mantidos e atualizados sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Comprometo-

me, como pesquisador a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa e os artigos científicos derivados desta pesquisa.

Porto Alegre ____ de _____ de 2023.

Assinatura do Pesquisador (a).

Assinatura do participante

ANEXO C – Termo de Autorização Institucional (TAI)

Prezados (a) Senhor (a):

O projeto tem como título as Dinâmicas de masculinidades no futebol: um estudo em escola situada em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS), de autoria do mestrando Gilberto Miranda da Silva Júnior e orientado pelo professor Dr. André Luiz dos Santos Silva, em sua instituição.

Este projeto tem como objetivo analisar as dinâmicas de masculinidades, nos contextos da vivência do futebol, que são acionadas por um grupo de meninos em uma escola situada, em região de alta incidência de notificação de crimes de violência doméstica e familiar, no município de Porto Alegre (RS).

Os procedimentos adotados serão: Nesta pesquisa será utilizada uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas, que será feita diretamente com os participantes da pesquisa, sendo realizada na escola, junto aos participantes. O uso deste instrumento tem como finalidade de obter as percepções individuais de cada um em relação aos objetivos deste estudo e posteriormente apurar as informações fornecidas pelos alunos.

Esta atividade apresenta riscos mínimos aos participantes como constrangimento ou alteração emocional em função do tema abordado e ao compartilhar informações pessoais ou confidenciais, bem como sentir incomodo ao falar sobre determinado tema.

Qualquer informação adicional poderá ser obtida pelos telefones (51) 3308.3738. – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 91046623 – Discente Gilberto Miranda da Silva Júnior ou no telefone (51) 99293.1480 professor orientador Dr. André Luiz dos Santos Silva.

A qualquer momento, o senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado. Sem qualquer tipo de cobrança e poderá retirar sua autorização. Os pesquisadores estão aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer

dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereço e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma, os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Porto Alegre ____ de _____ de 2023.

Responsável Institucional (carimbo)

Professor Responsável

Pesquisador Auxiliar